



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

LUIS CARLOS DE SANTANA MENESES

**BIBLIOTECAS ESCOLARES E O ENSINO MÉDIO NO DISTRITO FEDERAL:
DESAFIOS E REFLEXÕES**

Brasília
2019

LUIS CARLOS DE SANTANA MENESES

**BIBLIOTECAS ESCOLARES E O ENSINO MÉDIO NO DISTRITO FEDERAL:
DESAFIOS E REFLEXÕES**

Monografia apresentada como pré-requisito parcial para obtenção de título de bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

Orientadora: Me. Yaciara Mendes Duarte

Brasília
2019

M543b

Meneses, Luis Carlos de Santana

Bibliotecas escolares e o ensino médio no Distrito Federal: desafios e reflexões / Luis Carlos de Santana Meneses -- Brasília, 2019.

70 f.: il.

Orientadora: Prof.^a Me. Yaciara Mendes Duarte. Monografia (Curso de graduação em biblioteconomia) – Universidade de Brasília - UnB, Faculdade de Ciência da Informação - FCI, 2019.

1. Biblioteca escolar. 2. Ensino médio. 3. Bibliotecário escolar. I. Título.

CDU 027.8



Título: Biblioteca escolar e o Ensino médio no Distrito Federal: desafios e reflexões.

Aluno: Luis Carlos de Santana Meneses.

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 18 de abril de 2019.

Yaciara Mendes Duarte - Orientadora
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Mestre em Ciência da Informação

Ivette Kafure Muñoz – Membro
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutora em Ciência da Informação

Karin Torres Schiessl – Membro
Bibliotecária da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF)

Dedico este trabalho aos meus pais, Joserlândia e Francisco
e aos meus avós, Irismar e Antônio Cesar.

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus e a Virgem Maria.

Aos meus pais, os maiores torcedores pelo meu sucesso.

À minha orientadora, Yaciara. O carinho e a paciência com que ela me conduziu no processo de realização deste trabalho não são desse mundo. Fui um orientando difícil.

À Prof.^a Rita Caribé, hoje membro da minha banca, pelas longas aulas e conversas acerca dos altos e baixos da profissão de bibliotecário e da vida acadêmica.

Aos profissionais da FCI, de modo especial Reginaldo Olegário, hoje secretário aposentado, o meu muito obrigado por ao longo de toda a minha graduação serem tão solícitos e prestativos na realização do seu trabalho.

Aos meus amigos e confidentes de graduação, Maria Carolina, Laryssa, Everson, Jess, Carem, Carine, mais conhecidos como Biblioclã. A vida acadêmica não teria sido a mesma sem nenhum de vocês.

Por fim, à todos os que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho.

Pela grossura da camada de pó que cobre a lombada dos livros de uma biblioteca pública pode medir-se a cultura de um povo.

John Steinbeck

RESUMO

A um ano do prazo para o cumprimento da lei de universalização das bibliotecas nas instituições de ensino, ainda são tímidas as movimentações quanto a torna-la de fato eficaz. Com a implementação da nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é imprescindível a presença da biblioteca escolar nas instituições de ensino e a atuação do profissional bibliotecário no processo de ensino e aprendizagem dos jovens desta etapa do final da Educação Básica. Para tanto, este trabalho, de caráter exploratório e descritivo, busca identificar produtos, serviços e as práticas de auxílio realizadas nas bibliotecas escolares da rede pública e privada de ensino da zona central do Distrito Federal que visam contribuir para a formação educacional dos jovens do ensino médio. A metodologia utilizada consiste em uma pesquisa qualitativa realizada em oito escolas (quatro particulares, três públicas e uma híbrida) localizadas na zona central do Distrito Federal. O instrumento de coleta adotado foi a entrevista semiestruturada direcionada aos profissionais responsáveis pela biblioteca escola. O universo da pesquisa constitui-se de nove profissionais entrevistados, com áreas de formação que variam desde biblioteconomia à engenharia elétrica. Por meio da análise dos dados, constata-se que a escassa presença do bibliotecário nas bibliotecas escolares, sobretudo no que diz respeito às instituições públicas de ensino, inviabiliza a oferta de produtos e serviços de qualidade aos alunos do ensino médio. Demonstram também a segregação que ainda há entre a biblioteca escolar e a sala de aula e a dificuldade em auxiliar aos alunos desta etapa do ensino em suas demandas sem a cooperação dos professores. Por fim, é possível concluir que o sucesso da biblioteca escolar só será possível quando esta dispuser de profissionais adequados e que haja dentro da intuição de ensino a cooperação mútua entre bibliotecários e professores.

Palavras-chave: Biblioteca escolar. Ensino médio. Bibliotecário escolar. Cooperação.

ABSTRACT

A year from the deadline for compliance of the libraries universalization in teaching intuitions law, the movements are still timid in order to make it actually effective. With the implementation of the new Common National Curricular Base (BNCC), it is essential the presence of a school library in educational institutions and that the professional librarian is involved in the process of teaching and learning of young people in this stage of the end of Basic Education. To do so, this exploratory and descriptive study aims to identify products, services and aid practices carried out in the public and private school educational libraries of the central zone of Distrito Federal that aim to contribute to the educational training of high school youth. The methodology used consists of a qualitative research carried out in eight schools (four private, three public and one hybrid) located in the central zone of the Distrito Federal. The instrument of data collection adopted was the semistructured interview directed to professionals responsible for the school library. The research universe consists of nine professionals interviewed, with areas of training ranging from librarianship to electrical engineering. Through the analysis of the data, it is concluded that the scarce presence of the librarian in school libraries, especially with regard to public educational institutions, makes it impossible to offer quality products and services to high school students. They also show the segregation that still exists between the school library and the classroom and the difficulty in helping students of this stage of teaching in their demands without the cooperation of teachers. Finally, it is possible to conclude that the success of the school library will only be possible when it has adequate professionals and that there is within the intuition of teaching the mutual cooperation between librarians and teachers.

Keywords: School library. High school. School librarian. Cooperation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Competências gerais da Educação Básica.....p. 24

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Instituições públicas de Ensino Médio na zona central de Brasília....p. 44	
Tabela 2 – Instituições visitadas.....p.45	

LISTA DE SIGLAS

ANPED – Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação

Art. – Artigo

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CBMDF – Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal

CED – Centro Educacional

CEM – Centro de Ensino Médio

CMDP II – Colégio Militar Dom Pedro II

CNTE – Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação

DF – Distrito Federal

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EM – Ensino Médio

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

E-Sic – Sistema Eletrônico do Serviço de Informações ao Cidadão

IFLA – International Federation of Library Associations and Institutions

MEC – Ministério da Educação

MP – Medida Provisória

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

PAS – Programa de Avaliação Seriada

PPP – Parceria Público Privada

SEEDF – Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal

SINPRO – Sindicato dos Professores

SINTEEP – Sindicato dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino Privado

UNE – União Nacional dos Estudantes

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Definição do problema	15
1.1.1 <i>Objetivo geral</i>	15
1.1.2 <i>Objetivos específicos</i>	16
1.2 Justificativa	16
2 REVISÃO DE LITERATURA	18
2.1 O Ensino Médio	18
2.1.1 <i>Os desafios dos anos finais da Ed. básica</i>	20
2.1.2 <i>O novo Ensino Médio?</i>	23
2.2 Biblioteca Escolar	26
2.2.1 <i>Breve histórico</i>	26
2.2.2 <i>Conceitos e reflexões sobre a biblioteca escolar</i>	28
2.2.3 <i>O perfil teórico do estudante do Ensino Médio</i>	32
2.3 O Bibliotecário escolar e suas facetas no ambiente escolar	35
3 METODOLOGIA DE PESQUISA	41
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	44
4.1 Perfil dos profissionais	45
4.2 Perfil dos usuários e a utilização do espaço	47
4.3 Tipo de auxílio prestados aos alunos	50
4.4 Colaboração entre professores e biblioteca	52
4.5 Produtos e serviços oferecidos aos alunos do EM	54
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
6 REFERÊNCIAS	62
APÊNDICE A – Roteiro de entrevista semiestruturada	68
ANEXO A – Solicitação de informação ao E-Sic	70

1 INTRODUÇÃO

Em um período marcado pela transição de governo e por grandes debates políticos nos quais o país está inserido, a população busca fazer-se presente de alguma forma em cada decisão tomada, seja sugerindo, criticando, não se calando. A sociedade se manifesta de diversas maneiras, nas galerias da Câmara dos Deputados e da Câmara Legislativa, nas ruas e principalmente nas redes sociais. Dentre os debates de maior ênfase no primeiro semestre deste ano (2019) estão a reforma da previdência, o segundo ano da implementação e adequação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) sancionada em 2017 e as crises sofridas no Ministério da Educação (MEC) com a sua nova gestão.

No que diz respeito à classe bibliotecária, os debates se dão acerca da Lei 12.244 de 2010, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas escolares nas instituições de ensino do país. A um ano do prazo estabelecido para o cumprimento da citada lei, ainda são tímidas as movimentações parlamentares e dos próprios bibliotecários, e seus respectivos Conselhos Regionais, em cobrar o posicionamento dos órgãos responsáveis.

É neste cenário político e social que este trabalho se desenvolve, tendo as bibliotecas escolares como o foco deste estudo e a sua contribuição para a formação dos jovens do Ensino Médio (EM), tem-se o interesse em identificar as formas com que as bibliotecas e seus responsáveis se fazem presentes na formação educacional desses jovens no âmbito das instituições públicas e privadas de ensino.

A presença da biblioteca escolar numa instituição de ensino é indispensável para o processo de ensino e aprendizagem dos seus alunos. Dentre suas funções destacam-se a de ampliar e facilitar o contato dos alunos com o acesso à informação, esteja ela em que suporte for; complementar a formação dos alunos oferecendo serviços, produtos e atividades desenvolvidas para cada tipo de usuário levando em consideração às suas necessidades específicas; auxiliar o professor no processo de formação dos alunos.

A figura do profissional bibliotecário também deve fazer parte do quadro de funcionários das instituições de ensino. Uma vez que ele é o profissional ideal para tornar os produtos e serviços da biblioteca escolar relevantes para alunos, de acordo com as necessidades específicas de cada etapa do ensino e corpo docente. A realidade das bibliotecas escolares sem a presença do bibliotecário também serão abordadas neste estudo, bem como a importância do bibliotecário para a formação dos alunos do EM nesse cenário.

Ao abraçar a importância da biblioteca escolar a discussão do tema foi levada para dentro das instituições de ensino que ofertam o EM. Fase final da Educação Básica, essa etapa do ensino (como será apresentado no decorrer deste trabalho) é caracterizada por alguns autores como crítica por serem atribuídas a ela diversas funções e finalidades. Tais finalidades e funções fazem com que os educandos tenham necessidades distintas nesta etapa final em relação às séries anteriores, como por exemplo, preparam-se para vestibulares, para os que buscam dar continuidade aos estudos no nível superior e/ou prepara-se para entrar no mercado de trabalho em busca de independência financeira.

Apresentada a temática a ser abordada neste estudo, o problema de pesquisa a ser respondido consiste na identificação de produtos, serviços e práticas de auxílio realizadas nas bibliotecas escolares das instituições públicas e privadas, que oferecem o EM, localizadas na zona central do Distrito Federal (DF) e que visam de alguma forma contribuir para a formação educacional dos educandos desta etapa final da Educação Básica.

Para identificação das necessidades dos alunos, bem como a do seu perfil e o perfil dos responsáveis pelas bibliotecas escolares foi necessário fazer uso de uma entrevista semiestruturada. O roteiro desta entrevista foi constituído de 19 perguntas que abordaram temas como: perfil dos jovens usuários, perfil dos profissionais atuantes na biblioteca, produtos e serviços oferecidos e a colaboração entre o corpo docente (professores, direção e coordenação) com a biblioteca.

Realizadas as entrevistas com um total de nove profissionais, responsáveis pelas bibliotecas escolares das instituições de ensino, que variam desde bibliotecário a

engenheiro elétrico, uma análise de conteúdo dos dados é apresentada de forma a expor a atual situação das bibliotecas escolares da zona central do DF, bem como revelar a posição que elas ocupam dentro da instituição de ensino.

1.1 Definição do problema

Assim como todo centro de informação, que está vinculado a uma instituição, deve prover fomento informacional e estar alinhado às necessidades dos seus membros. A biblioteca escolar dentro de uma instituição de ensino deve ser tida da mesma forma, pois segundo Côrte e Bandeira (2011) trata-se de um instrumento de apoio ao processo educacional e deve estar alinhada às aspirações da instituição, à sua razão de existir: o aluno.

Tomando a biblioteca escolar como objeto do estudo e levando em consideração a grande problemática acerca da falta de identidade do Ensino Médio (EM), isto é, se esta etapa é somente um rito de passagem da adolescência para a vida adulta ou somente um mero nível da educação básica que prepara os jovens para o escasso mercado de trabalho, dentre outras tantas funções elencadas a ele, este estudo procurou identificar no âmbito das bibliotecas escolares os tipos de produtos, serviços e práticas de auxílio realizadas pelos profissionais responsáveis que visam contribuir de alguma forma para a formação educacional e social do educando do EM e qual a posição ocupada por ela e seus responsáveis dentro da instituição de ensino.

1.1.1 Objetivo geral

Identificar os produtos, os serviços e as práticas de auxílio realizadas nas bibliotecas escolares da rede pública e privada de ensino do DF no processo de auxílio aos alunos do Ensino Médio em suas necessidades informacionais.

1.1.2 Objetivos específicos

- a) Identificar o perfil do profissional atuante na biblioteca escolar de EM.
- b) Identificar, por meio da percepção do profissional atuante na biblioteca, o perfil dos estudantes atendidos e as suas necessidades informacionais nesta etapa do ensino.
- c) Identificar e expor produtos e serviços oferecidos aos alunos do Ensino Médio.
- d) Levantar as práticas de cooperação mútua entre professores e a biblioteca escolar de Ensino Médio.

1.2 Justificativa

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) (BRASIL, 1996), o EM consiste na etapa final da Educação Básica, tendo como suas finalidades consolidar e aprofundar todo o conhecimento do aluno adquirido durante o ensino fundamental; prepará-lo para o trabalho e cidadania e o aprimoramento do educando como pessoa humana. É perceptível que em toda seção IV da Lei nº 9.394/1996 há a preocupação em formar cidadãos críticos e aptos a viverem em sociedade, nela inclui-se, portanto, a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico do aluno.

O estudante do EM possui necessidade e anseios muito específicos nesta etapa final do ensino básico, parte deles sofrem a pressão de ter que entrar no mercado de trabalho o quanto antes, por questões familiares e/ou sociais, enquanto a outra parcela deseja dar continuidade aos estudos no nível superior. Provas como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), o Programa de Avaliação Seriada (PAS), específico do Distrito Federal (DF), e vestibulares públicos e/ou privados, entram também na lista de prioridades desses alunos.

Nesse contexto, a presença de uma biblioteca escolar bem como a presença do profissional bibliotecário se faz de extrema importância no que diz respeito ao auxílio do aluno durante a sua passagem pelo EM. Belluzo (2005) acredita que a

biblioteca deve ser um espaço interativo e de novas técnicas de ação no atendimento. O autor afirma ainda que o processo de pesquisa escolar, tão presente em todos os níveis da educação básica e que tanto contribui para o processo de ensino e aprendizagem, deve ser uma preocupação de educadores e de bibliotecários.

Todavia a realidade das nossas escolas, quando estas dispõem de uma biblioteca, é totalmente diferente. Onde a falta de boas bibliotecas escolares equipadas, com no mínimo um bibliotecário, somente os professores desempenham o papel de mediador da informação. Todd e Kuhlthau (2005) descrevem a biblioteca escolar, por exemplo, como um espaço onde os estudantes possam desenvolver um arcabouço cognitivo que não os tornem somente hábeis para encontrar informações relevantes, mas que, sobretudo os habilitam a tomar decisões com relação a elas.

É em torno desta temática que este trabalho se debruça, empenhando-se na identificação das práticas de auxílio aos alunos do EM, no âmbito da biblioteca escolar para satisfazer as demandas informacionais dos educandos nessa reta final. Este estudo visa ainda, descrever produtos e serviços oferecidos na biblioteca e a cooperação entre professores e biblioteca.

Os alunos do ensino médio tornam-se o foco deste trabalho por fazerem parte de um grupo pouco estudado no âmbito da Biblioteconomia conforme será apresentado na literatura. E existir a preocupação de como esse grupo está sendo preparado para a pesquisa e aprendizagem autônoma, considerando que a universidade e a formação profissional estão muito próximas de sua realidade.

A reforma a pouco sofrida pelo EM e as polêmicas que ela causou também contribuíram para tornar esse público o foco deste estudo. Ainda palco de debates acirrados de prós e contras, autoridades e profissionais ligados a educação buscam delinear um novo EM que atenda as reais necessidades dos alunos de acordo com o contexto social em que vivemos hoje. Mais sobre as discussões que envolvem o chamado “novo” EM serão tratadas adiante.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O Ensino Médio

Nos moldes da Lei nº 9.394/96 (LDB) (BRASIL, 1996), a educação escolar brasileira é dividida em dois níveis: no primeiro, o da Educação Básica, constituída pela Educação Infantil, Ensino Fundamental e o Ensino Médio (EM) e no segundo nível encontra-se a Educação Superior. Segundo a mesma lei, a Educação Básica tem por finalidade “desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”.

Ainda conforme a LDB, o EM, em sua forma conhecida até pouco tempo, consiste na etapa final da Educação Básica, e com base em seu Art. 35, tem como suas finalidades:

- I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
- II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
- III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
- IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina. (BRASIL, 1996).

Antes de a LDB moldar o EM, essa etapa da Educação Básica sofreu diversas alterações em suas características e em seus objetivos. Mudanças nas escolas de educação tecnológica; na formação propedêutica; na preparação para ingresso dos concluintes à Educação Superior, entre outras. Todas essas mudanças ao longo da história no EM tiveram o objetivo de atribuir uma identidade a ele e solucionar o grande problema nomeado por alguns autores como a "crise de identidade" (FELIPPE, 2000).

Mesmo com todas as reformas educacionais ocorridas em torno do EM, Felipe (2000) afirma que nenhuma buscou, realmente, garantir a população total acesso ao ensino secundário e afirma que:

A reforma educacional Francisco Campos (1930/1931) e a reforma das Leis Orgânicas de Ensino (1942/1943) evidenciam que o ensino médio possuía apenas a função de preparar para o ensino superior e só abrigava alunos das camadas sociais superiores economicamente. Os alunos de classes trabalhadoras acabavam por frequentar os cursos profissionalizantes, que, embora de nível médio, eram fechados, não permitindo passagem para outros tipos de ensino. [...] Após 1953 é que começou a equiparação entre os cursos técnicos e os acadêmicos (FELIPPE, 2000, p.85).

A equiparação a qual se refere o autor é referente à Lei nº 1.821, de 12 de março de 1953, que tornava possível que alunos concluintes do ensino técnico-profissional tivessem acesso à segunda etapa do ensino, favorecendo também os alunos que estudavam no segundo ciclo do ensino comercial, industrial, agrícola e normal. Contudo, a equivalência total entre ensino secundário e o ensino técnico-profissional só foi possível com a promulgação da Lei nº 4024, de 20 de dezembro de 1961.

Vale lembrar também que foram feitas reformas no sistema de educação ocorridas na década de 1960, como afirma Darli (2009), com golpe militar de 1964, houveram significativas mudanças na educação brasileira como a Reforma do Ensino de 1º e 2º graus. Um pouco mais adiante com a Lei nº 5692/1971 foi determinada uma nova estrutura para os níveis de ensino como: a ampliação da obrigatoriedade de quatro para oito anos, pela união do ensino primário com o ginasial, hoje Ensino Fundamental, e com a criação de uma escola secundária orientada por uma lógica profissionalizante. A autora ainda afirma que a qualidade de ensino ficou associada à eficiência em preparar mão de obra conveniente ao mercado de trabalho da época.

No contexto nacional o EM teve sua expansão na década de 1990, segundo dados do Ministério da Educação (MEC) entre os anos de 1990 a 1998, as matrículas no EM quase que duplicaram, passaram de 3,5 milhões para 6,9 milhões de alunos matriculados (BRASIL, 2000, p.2). Krawczyk (2009, p.8), explica que essa

expansão resultou da implementação de políticas de correção do fluxo de matrículas que impulsionaram a conclusão do ensino fundamental, produzindo assim, o aumento da demanda por mais escolarização.

Ainda palco de muitas discussões acerca de sua identidade, o EM “tem sido por um tempo longo demais a ‘terra de ninguém’. Sem uma função claramente definida como a dos outros dois níveis, tem uma característica de afunilamento” (FELIPPE, 2000, p. 56). É possível afirmar que ainda são muitas as questões que pairam sem solução sobre o atual EM no nosso país, a evasão escolar, a “crise de identidade” (se o mesmo é rito de passagem para a vida profissional ou ingresso em uma universidade), sua política educacional, são só algumas das questões que estão por serem resolvidas e que serão discutidas nos capítulos que seguem.

2.1.1 Os desafios dos anos finais da Ed. básica

É preciso reconhecer que a escola compreende o principal espaço de acesso ao conhecimento e tem o papel principal no processo de educação de crianças, jovens e adultos. Através dela é possível constituir cidadãos dignos e autônomos, conhecedores do seu protagonismo dentro da sociedade na qual estão inseridos. Para tanto, é crucial que se garanta a oferta de educação de qualidade para toda a população independentemente de cor, classe, credo ou gênero. A LDB (BRASIL, 1996) destaca ainda que a educação é dever da família e do Estado e que tem a finalidade de desenvolver o educando e o preparar para a o exercício da sua cidadania.

No tocante ao EM e os desafios encontrados nesta etapa da Educação Básica, Tartuce (2018), o descreve como uma etapa crítica por assumir várias funções, tais como a “consolidação dos conhecimentos e habilidades básicas dos estudantes, a preparação para o ingresso no ensino superior ou no mercado de trabalho e a formação de cidadãos capazes de se engajar na sociedade”, a autora em seu trabalho ainda ressalta que o grande desafio de atrair e manter os jovens do EM na escola já é conhecido pelos pesquisadores da área de educação.

De modo semelhante, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), estabelece que “além da necessidade de universalizar o atendimento, outros grandes desafios do Ensino Médio na atualidade são garantir a permanência e as aprendizagens dos estudantes, respondendo às suas aspirações presentes e futuras” (BRASIL, 2016, p.461). De modo semelhante, Krawczyk (2011, p. 754) aponta que “as deficiências atuais do ensino médio no país decorrem da presença tardia de um projeto de democratização da educação pública no Brasil ainda inacabado”.

Em relação à democratização do EM, Kunzer (2011, p. 43) explica que as instituições de EM só serão de fato democráticas quando o seu projeto pedagógico “propiciar as necessárias mediações para que os menos favorecidos estejam em condições de identificar, compreender e buscar suprir suas necessidades com relação à participação na produção científica, tecnológica e cultural”. A autora ainda argumenta que quando a escola média se organiza em duas redes, secundária e profissional, “torna-se antidemocrática não pelo conteúdo ensinado em cada uma delas, e sim pela finalidade, que é preparar diferentes intelectuais segundo o lugar que irão ocupar na sociedade” (KUNZER, 2011, p. 44).

Quanto à evasão escolar, sem dúvidas o maior desafio nesta etapa do ensino, ainda a Emenda Constitucional Nº. 59, de 2009 decreta a obrigatoriedade e gratuidade da Educação Básica que compreende a faixa de 4 a 17 anos de idade, ou seja, que todos que estejam nessa faixa etária devem estar matriculados e frequentando uma instituição regular de ensino, o Censo Escolar de 2015, ano que apresentou a maior índice de evasão escolar, revelou que 12,9% e 12,7% dos alunos matriculados na 1ª e 2ª série do EM, respectivamente, evadiram da escola e levando em consideração todas as séries do EM, a evasão chega a 11,2% do total de alunos nessa etapa de ensino.

Um análise dos dados disponibilizados no portal do INEP em janeiro de 2018, feita por uma reportagem do jornal O Globo, divulgou dados do Censo da Educação com o balanço de 2017 revelando queda do número de estudantes matriculados no ensino médio. Em 2013, eram 8,314 milhões de matriculados e em 2017 o número

foi de 7,930 milhões, em 2016 constavam 8,133 milhões de alunos nessa fase da educação básica.

De acordo com Pelissari (2012, p. 33), “o conceito de evasão traz um caráter subjetivista, responsabilizando o aluno pela sua saída da escola, considerando apenas os fatores externos, caindo na armadilha do reprodutivismo das relações sociais na escola”. Aranha (2009) aponta também outros impasses enfrentados pelos alunos do EM e que dão margem a evasão escolar como a superlotação das salas de aula, conteúdos extensos e muitas vezes o despreparo do professor para lidar com a faixa etária dos alunos.

Há ainda a dificuldade em atrair os jovens para a escola, visto que os alunos nesta faixa etária perdem muito rapidamente o entusiasmo pelos estudos, sejam pelas por questões familiares, sociais ou culturais. Nessa fase final da Educação Básica, Krawczyk (2011) detalha de forma sucinta a perda de interesse do estudante do EM aos longos dos três anos da seguinte forma:

No primeiro ano, os jovens se sentem orgulhosos porque, em certa medida, venceram a barreira da escolaridade de seus pais. No segundo ano começa o desencanto, principalmente, pelas dificuldades do processo de ensino, ao passo que as amizades e a sociabilidade entre os pares passam a ser mais importantes. No terceiro, a proximidade de um novo ciclo de vida fica mais evidente, e os alunos se confrontam com um frustrante universo de possibilidades: o ingresso na universidade não se configura como uma possibilidade para a maioria e o desejo de trabalhar ou melhorar profissionalmente também se torna muito difícil de ser concretizado (KRAWCZYK, 2011, p.762).

No mesmo trabalho, a autora ainda faz menção quanto à modernização dos meios de comunicação e a atualização constante das novas tecnologias que também podem ser vistas como um desafio a ser encarado pelas instituições de ensino, sendo desafiadas quanto a sua função de transmitir conhecimentos e o seu caráter socializador dos alunos.

A falta de atrativos na escola média reflete em parte a desatualização quanto à forma de ensino que deveria ser pautada pela constante atualização dos meios de comunicação e tecnologias de busca e uso da informação. É inegável que hoje, a

sociedade do conhecimento na qual estamos inseridos, possibilita ao aluno ter contato com o maior número de informação e em menor tempo, sobretudo no que diz respeito à informação disponível da internet, o que requer uma necessária readequação na forma de ensinar, o que impacta diretamente na atuação do professor. Quanto à forma de ensinar, Le Coadic (2004), afirma que:

No ensino médio ou na universidade, não ocorre em momento algum a questão do ensino da informação. As disciplinas ensinadas não levam em conta, ou fazem muito mal, as habilidades necessárias para o domínio da informação. Essas disciplinas apoiam-se, com efeito, num conjunto de conhecimentos tácitos, congelados num programa muito dogmático de ensino. Tal conjunto jamais é colocado em discussão, e menos ainda questionado de modo contínuo (LE COADIC, 2004, p. 112).

No trecho referenciado, o autor faz duras críticas ao modelo padrão de ensino, onde o educador despeja uma maré de informações sobre os alunos e espera que eles a absorvam de forma passiva e ordeira. Ao invés de “informar-se e informar” o que acontece é “ingurgitar e regurgitar” informação, afirma o autor. Krawczyk (2011, p.671) afirmar ser necessário “reconhecer que os adolescentes têm mais facilidade para incorporar em sua vida cotidiana os novos recursos tecnológicos implica admitir uma mudança entre gerações” e quanto ao que se espera dos docentes a autora aponta a necessidade de “professores cada vez bem mais formados, motivados e atualizados” (2011, p. 675).

2.1.2 O novo Ensino Médio?

Em 2017 foram concretizadas uma série de reformas previstas para o EM iniciadas pela Medida Provisória (MP) 746/2016 (BRASIL, 2016), que Institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de EM em Tempo Integral. O MEC trouxe na exposição de motivos da MP pontos relativos ao currículo do EM, o caracterizando como extenso, superficial e fragmentado e que não dialogava com a juventude, com o setor produtivo do país e tampouco com as demandas do século XXI, trazia ainda como pauta, a flexibilização do EM como ponto chave da reforma.

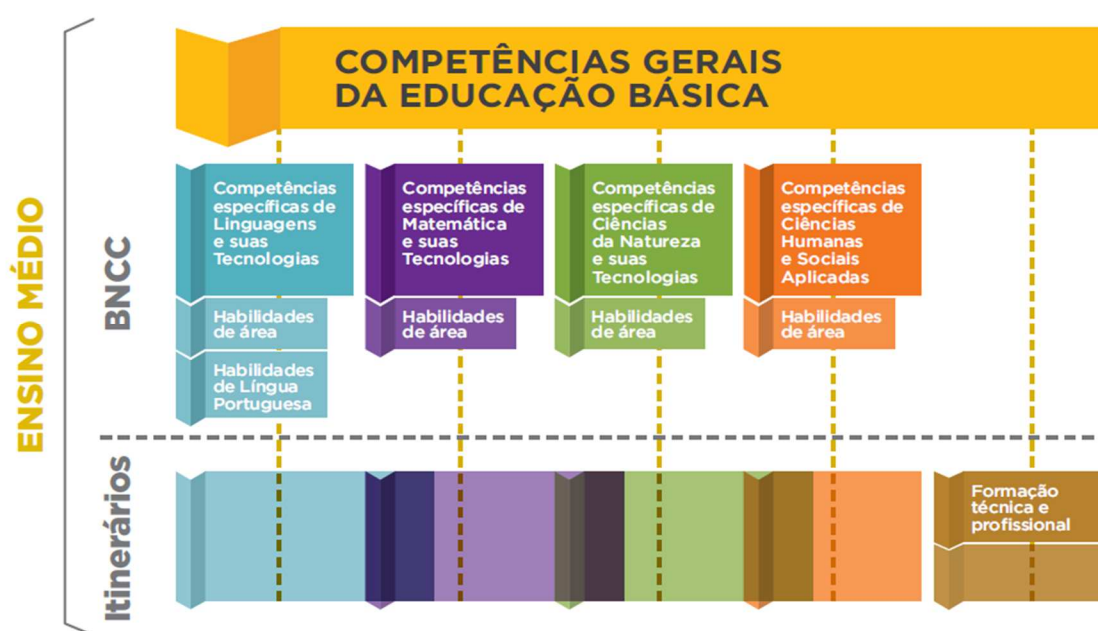
Logo em seguida, pela aprovação da Lei 13.415/17, que incluiu novos componentes curriculares de caráter obrigatório na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), decorrente da MP acima citada, foram estabelecidas novas organizações curriculares para o novo EM. Em seu Art. 36, o novo currículo é moldado da seguinte forma:

O currículo do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos, que deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino, a saber:

- I - linguagens e suas tecnologias;
- II - matemática e suas tecnologias;
- III - ciências da natureza e suas tecnologias;
- IV - ciências humanas e sociais aplicadas;
- V - formação técnica e profissional. (BRASIL, 2017).

Segundo MEC (2017, p. 468), a BNCC organiza o novo EM por áreas do conhecimento mantendo as competências gerais estabelecidas para a Educação Básica (figura 1), e explica que essa nova estrutura proposta tende a valorizar o protagonismo dos jovens do EM, uma vez que prevê a oferta de variados itinerários formativos para atender aos interesses dos estudantes, sejam eles o aprofundamento acadêmico e/ou a formação técnica profissional.

Figura 1 - Competências gerais da Educação Básica



Fonte: MEC/BNCC

O texto em caráter de urgência e aprovado às pressas sem discussões mais aprofundadas acerca do seu conteúdo gerou inquietação entre os profissionais da educação e entidades vinculadas. A proposta de um novo EM gerou diversas mobilizações, como por exemplo, o manifesto publicado e disponível no portal da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPEDP).

No manifesto, várias instituições, como o Sindicato dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino Privado (SINTEEP), UNE, SINPRO, entre outras, colocam-se contra a reforma do EM e a instauração da BNCC afirmando que esta fragmentação do EM em itinerários formativos proposto pela nova base, nega aos alunos uma formação ampla e limita o futuro acadêmico e profissional do educando e apontam que sem a valorização dos profissionais de educação bem como a dos alunos e dos espaços escolares, reformas curriculares por si só de nada adiantam.

No que se refere ao caráter de urgência empregado na aprovação do novo EM, Motta e Frigotto (2017, p. 357), afirmam que “segundo dirigentes do Ministério da Educação, a reforma do Ensino Médio é urgente porque é necessário destravar as barreiras que impedem o crescimento econômico” e sintetizam o objetivo da MP como meio “investir em capital humano visando maior produtividade”, ou seja, impulsionar a produtividade do país qualificando força de trabalho. Os autores ainda colocam-se contra a reforma afirmando que ela:

expressa e consolida o projeto da classe dominante brasileira em sua marca antinacional, antipovo, antieducação pública, em suas bases político-econômicas de capitalismo dependente, desenvolvimento desigual e combinado, que condena gerações ao trabalho simples e nega os fundamentos das ciências que permitem aos jovens entender e dominar como funciona o mundo das coisas e a sociedade humana(MOTTA, 2017, p. 369).

O descontentamento com a imposição garganta abaixo da nova BNCC, desagradou também a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE). Segundo a CNTE (2018, p. 414), a elaboração de políticas públicas deve “primar pelo debate público, sobretudo quando os objetivos focarem verdadeiramente a sociedade e não os agentes privados” e no que diz respeito à BNCC, a Confederação afirma que o “debate da antirreforma do ensino médio

desprezou a opinião de estudantes, trabalhadores em educação e especialistas do tema”. Ao tratar a instauração da BNCC como uma “antirreforma”, a CNTE afirma que a opção pelo novo sistema trata-se de um retrocesso na Educação Básica, pois:

a antirreforma educacional, na qual se apoia a BNCC, atende a um modelo excludente e limitado de oferta escolar voltado para a privatização e terceirização do ensino médio, através de parcerias público-privadas (PPP), onde o Estado se desresponsabiliza em ofertar a maior parte do currículo escolar. Com isso, o direito constitucional à educação básica é rebaixado drástica e perigosamente, atendendo a interesses exclusivos do mercado (CNTE, 2018, p. 416).

Em relação à forma como o currículo do EM foi proposto pela BNCC Gonçalves (2017, p. 139) destaca que “o ‘novo’ ensino médio nega o direito a uma educação básica comum para todos os estudantes. Hoje, o currículo do EM possui uma formação básica comum nos três anos que, com a reforma, passaria a ser dada em apenas a metade desse tempo”. Assim, a proposta trazida no texto da BNCC não busca discutir a qualidade do ensino, a formação integral dos alunos ou mesmo a capacitação e qualificação dos professores, o que de novo há nisso?

Logo nas primeiras linhas da exposição de motivos da MP que deu origem a BNCC pode se notar que as propostas que viriam em seguida não seriam inéditas ou “salvadoras” como o os responsáveis por elas insistem em considerá-la. Mais vez o mercado e a necessidade de força de trabalho braçal urgente nortearam o currículo da fase final da Educação Básica, uma vez que grandes empresários tendem a apoiar a nova reforma visando à formação técnica para aumentar a sua produtividade. Mais uma vez as discussões acerca de infraestrutura, qualidade de ensino, investimentos e quanto à democratização do EM ficaram de fora da pauta. O que há de novo nisso?

2.2 Biblioteca Escolar

2.2.1 Breve histórico

Conforme explica Moraes (2006, p.7), as bibliotecas escolares no Brasil nasceram junto com as escolas advindas da chegada dos Jesuítas no Estado da

Bahia no ano de 1549. Tendo em vista a catequização de índios e a educação dos colonos, os Jesuítas traziam livros para atender às suas necessidades, porém a quantidade ia se tornando insuficiente para atender a todas as escolas que foram sendo criadas. Pela crescente demanda de livros para educação dos colonos, catequização de índios e aperfeiçoamento dos professores jesuítas que aqui estavam ao final do século XVI os Jesuítas já dispunha de uma biblioteca, livrarias como eram chamadas, instalada em seu colégio em Salvador e que logo depois foram se instalando em outras capitânicas.

É fato que as bibliotecas escolares ganharam vida com a educação jesuítica, porém não foram eles os únicos a se destacarem neste cenário. Carvalho Silva (2010), afirma que:

Além dos jesuítas, as ordens dos franciscanos, beneditinos e carmelitas, que chegaram já em meados do século XVII (ou mesmo que tenham seus registros atestados a partir desse século). A prova de que outras ordens forneceram suas contribuições está nos seus métodos de estudos. Os franciscanos, por exemplo, agregaram métodos de valores experimentais das ciências, valorizando os estudos de ideais franceses, representados, sobretudo pela ideia da ilustração, enquanto os métodos jesuíticos eram essencialmente escolásticos. (CARVALHO SILVA, 2010, p. 23).

Com a expulsão da Companhia de Jesus em 1759 veio à decadência das escolas ligadas a igreja e por consequência a decadências das bibliotecas a elas vinculadas. Acerca da grande perda do acervo que fora reunido ao longo dos anos pelas escolas jesuíticas, Moraes (2006) comenta que:

as bibliotecas sofreram um golpe terrível com a expulsão da Companhia de Jesus. Todos os bens foram confiscados, inclusive as bibliotecas. Livros retirados dos colégios ficaram amontoados em lugares impróprios, durante anos, enquanto se procedia ao inventário de bens dos inacianos. [...] O clima úmido e os insetos deram cabo do restante. Não foram somente os livros o que o abandono destruiu. A magnífica sala da livraria dos jesuítas em Salvador estava, em 1811, em tão mau estado que só depois de restaurada pôde instaurar-se na Biblioteca Pública da Bahia(MORAES, 2006, p.10).

Segundo Válio (1990, p.18), a criação de Bibliotecas Escolares no Brasil, da forma como conhecemos hoje, deu-se com a fundação das escolas normais.

Baseado na publicação “Guia das bibliotecas públicas brasileiras conveniadas com o Instituto Nacional do Livro” datada de 1944, o autor afirma que a primeira biblioteca escolar criada foi a da Escola Normal Caetano de Campos em São Paulo em 30 de junho de 1880 e alguns anos depois, mais especificamente em 16 de junho de 1894 foi inaugurada a Biblioteca do Ginásio Estado da Capital. O autor ainda explica que as bibliotecas escolares foram surgindo nas escolas normais até 1915 e que nas décadas de 30 e 40 a criação das bibliotecas escolares era reservada aos ginásios estaduais.

2.2.2 Conceitos e reflexões sobre a biblioteca escolar

No âmbito da literatura e da legislação recorrida para a elaboração desse tópico, várias foram as definições, conceitos, objetivos e funções atribuídas à biblioteca escolar. As diretrizes da IFLA (2016) definem a biblioteca escolar como “um espaço de aprendizagem física e digital na escola onde a leitura, pesquisa, investigação, pensamento, imaginação e criatividade são fundamentais para o percurso dos alunos da informação ao conhecimento e para o seu crescimento”. O documento ainda traz a missão, bem como a definição de produtos e serviços que podem ser oferecidos pela biblioteca escolar. Do ponto de vista um pouco mais teórico, Fonseca (2007, p. 53) define biblioteca escolar como a que oferece “infraestrutura bibliográfica e audiovisual do ensino fundamental e médio” objetivando “fornecer livros e material didático tanto a estudantes como a professores”.

A biblioteca escolar deve estar ligada intrinsecamente a instituição de ensino, e conforme explica Côrte e Bandeira (2011, p. 9) a biblioteca é “a porta de entrada às novas experiências da leitura, mas sem esquecer que ela é: um instrumento de apoio ao processo educacional”. Galgar esse espaço dentro das instituições de ensino e abrir caminho entre o corpo docente não é tarefa fácil para muitos bibliotecários que muitas vezes se veem sozinho nessa empreitada, isso é, quando a instituição ensino dispõe desse profissional. As autoras ainda destacam o papel de cooperativismo da biblioteca com a dinâmica escolar por despertar o interesse intelectual dos alunos e favorecer o enriquecimento cultural, além é claro, de estimular o hábito da leitura.

Outro conceito, mais abrangente, de Biblioteca Escolar é apresentado por Gasque (2013), a autora explica que:

a biblioteca escolar atuante como Centro de Recursos de Aprendizagem, isto é, como instituição que organiza materiais bibliográficos, audiovisuais e outros meios e os coloca à disposição da comunidade educacional, constituindo-se parte integral do sistema educativo e participando de seus objetivos, metas e fins. A biblioteca escolar é instrumento de desenvolvimento do currículo, que permite o fomento à leitura e à formação de uma atividade científica. (GASQUE, 2013, p.140).

A autora traz uma visão de biblioteca escolar mais abrangente e diversificada em seus produtos e serviço oferecidos, bem como a sua função na instituição de ensino, tratando-a não como biblioteca e sim como centro de recursos. A denominação chamativa, “Centro de Recursos”, por vezes traz o vislumbre de um espaço que foge do estereótipo convencional de biblioteca escolar.

Na esfera legislativa, a Lei nº 12.244 de 2010 que trata da universalização das bibliotecas escolares (BRASIL, 2010), considera em seu Art. 2º, de forma rasa e superficial, a biblioteca escolar como sendo apenas uma “coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados a consulta, pesquisa, estudo ou leitura”. A definição dada à biblioteca escolar pela lei acima a torna um espaço pouco atrativo, e ao tratá-la como uma mera “coleção de livros” tem-se o vislumbre de um amontoado de exemplares sem qualquer tratamento técnico ou vínculo educacional com a missão da instituição de ensino, logo, torna a biblioteca incapaz de desempenhar papéis simples como incentivo leitura, mediadora informação, fomento e auxílio a pesquisas escolares, entre outros.

Côrte e Bandeira (2011, p.3) afirmam que para que a biblioteca exerça esse papel, três elementos são fundamentais: “um acervo bem selecionado e atualizado, que contemple todo o tipo de suporte de informação; um ambiente físico adequado e acolhedor, e o mediador, a figura do bibliotecário”. Muitos desses elementos, entre outros, foram deixados de fora do texto final da lei, o que revela que tais decisões sequer tiveram em seu debate, se é que houve debates, o auxílio de um profissional adequado.

2.2.3 Biblioteca escolar para o ensino médio

No que tange aos usuários da biblioteca escolar, Côrte e Bandeira (2011, p.10) explicam haver dois tipos distintos, são eles: os “usuários principais”, que são aqueles que fazem parte da organização e/ou pertencem diretamente à escola e aqueles usuários que mantêm algum tipo de vínculo com a escola, porém não a frequentam diariamente, não tomam parte nas decisões da escola e tão pouco participam das aulas na instituição. Nesta segunda classe de usuários podem facilmente serem inseridos os pais dos estudantes e toda a comunidade externa entorno da instituição de ensino. Sobre a classe dos usuários principais, as autoras explicam que para eles “a biblioteca deve investir todos os seus esforços no sentido de identificar e atender às suas necessidades informacionais. São alunos, professores, diretores, coordenadores, consultores pedagógicos, todos os que fazem a escola acontecer”.

Pertencentes, em sua grande maioria, a faixa etária dos 15 aos 17 anos, os jovens do EM são definidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) como adolescentes. Milanesi (2002, p.61), destaca que muitas bibliotecas, inclusive a escolar, não estão preparadas para atender a este público especial e explica que “como existem bibliotecas para crianças e adultos, o adolescente fica deslocado, não encontrando nada atrativo na área para adultos e se sentindo ridículo na área infantil” e destaca que “a adequação do espaço para o público é fundamental, caso isso não ocorra, o estranhamento é inevitável”, por fim, Milanesi ainda relata que “os adolescentes são leitores difíceis: é preciso encontrar o que está além do infantil sem chegar ao incompreensível. Além disso, a ordem do silêncio das bibliotecas tradicionais pode ser um permanente desafio à inquietação típica da idade”.

O impacto visual da apresentação do espaço físico de uma biblioteca é sem dúvidas a primeira impressão marcante registrada pelos usuários. No caso da biblioteca escolar que irá atender jovens do EM o espaço a ser apresentado deve demandar um zelo a mais do seu gestor. Côrte e Bandeira (2002, p.19) destacam alguns elementos que deve ser considerados no planejamento e organização do espaço físico de bibliotecas escolares. O primeiro a ser trazido pelas autoras é a

localização da biblioteca e justificam que a mesma “precisa estar num local de fácil acesso, próximo a passagem obrigatória dos alunos e professores, com facilidade de acesso para as pessoas com necessidades especiais, obedecendo à legislação específica”. Iluminação, acesso independente, mobiliários e projetos para possíveis expansões futuras são outros elementos destacados pelas autoras.

A formação do acervo da biblioteca escolar é outro ponto chave, este deve ser diversificado contemplando diversos gêneros textuais em diferentes formatos e suportes, obras de referência, periódicos, entre outras. O acervo ainda deve atender às demandas dos professores e de sala de aula, contendo livros didáticos e paradidáticos. Quanto ao acervo presente nas bibliotecas escolares e a sua finalidade, Vergueiro (1989) afirma que:

A coleção das bibliotecas escolares segue, na realidade, o direcionamento do sistema de educação vigente. A ênfase está, portanto, muito mais na seleção de materiais para fins didáticos - normalmente alicerçados em uma política de seleção que tem sua base no currículo ou programa escolar (VERGUEIRO, 1989, p. 10).

Corroborando com Vergueiro e indo um pouco mais além, ao comentar acerca dos novos recursos informacionais e a atualização do acervo, Campello (2002), sustenta que:

o acervo reflete a proposta de aprendizagem baseada nos textos autênticos: precisa abrigar a variedade de discursos e seus portadores, mantendo-se atualizado e dinâmico, acompanhando a produção acelerada de recursos informacionais na atualidade (CAMPELLO, 2000, p.29).

A biblioteca escolar deve, ainda, propiciar aos alunos do EM um ambiente diversificado, agradável e, sobretudo integrado, isso é, manter-se atualizada quanto às novas tecnologias de busca e uso da informação, de modo que quando utilizadas de forma correta e como recurso pedagógico no ambiente escolar, tendem a ampliar a aquisição de conhecimentos pelos alunos. No que se refere ao uso da tecnologia em sala de aula, Moran (1999, p.1), relata que “a aquisição da informação, dos dados dependerá cada vez menos do professor. As tecnologias podem trazer hoje dados, imagens, resumos de forma rápida e atraente” e atribui ao professor o papel

de “ajudar o aluno a interpretar esses dados, a relacioná-los, a contextualizá-los”. Hoje, conforme explica Campello (2009, p. 11), com a ampliação do papel do profissional bibliotecário o auxílio e a capacitação dos estudantes quanto ao uso de fontes de informação pode ser desenvolvida no espaço da biblioteca. As ações do bibliotecário não se restringem somente à promoção da leitura, abrangendo também atividades mais complexas que serão apresentadas mais adiante.

2.2.3 O perfil teórico do estudante do Ensino Médio

O primeiro passo para apresentar um perfil do estudante do EM é compreender rapidamente as relações entre adolescência e juventude no que diz respeito à faixa etária em cada uma. Os limites cronológicos da adolescência estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) são entre os 10 e 19 anos, a Organização das Nações Unidas (ONU) atribui o termo juventude à população com faixa etária entre 15 e 24 anos. Eisenstein (2004, p.6) explica que estes critérios são utilizados principalmente para fins estatísticos e políticos, e que o termo jovem adulto também pode ser utilizado para englobar a faixa etária de 20 a 24 anos de idade. No Brasil não há uma definição legal de juventude, porém o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) - Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990, como já afirmado anteriormente, considera adolescentes a pessoa de 12 aos 18 anos de idade. Para tanto, neste trabalho ambos os termos serão usados como sinônimos, levando em consideração a faixa etária média dos alunos do EM.

Vista como uma fase meramente transitória e preparatória, isso é, para a fase adulta, a juventude é classificada por muitos sob um ponto de vista carregado de estereótipos, como por exemplo, atribuir aos jovens condutas de rebeldia, contestação e irresponsabilidade. Silva (2014, p. 62) entende que tais rótulos dificultam a percepção da construção da identidade juvenil através da trajetória histórica e social vivenciada por cada indivíduo. De modo semelhante Dayrell (2003, p. 42), considera que essa construção de uma noção de juventude implica em “considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social” entendendo assim

a juventude como “um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma”.

No que se refere aos jovens do EM e o seu perfil enquanto alunos, um estudo realizado pela iniciativa do Todos Pela Educação, que ouviu 1.551 jovens entre 15 e 19 anos acerca de questões como educação, professores e participação social, apontou que os estudantes do EM estão, em sua grande maioria, atentos aos valores transmitidos pelas escolas brasileiras e à atuação dos professores em sala de aula. Para eles, a escola deve se preocupar também com questões quanto à inclusão social, bem como em assegurar ao jovens uma boa infraestrutura para garantir uma educação de qualidade (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2017).

Fica evidente no estudo o senso crítico dos alunos quanto aos valores e questões sociais o que afasta, por exemplo, os estereótipos de rebeldia para dar lugar ao pensamento de que o jovem também tem espaço e voz ativa na sociedade como um todo. Ao analisar o aluno do ensino médio como “sujeito social”, Frigotto (2004), defende que os alunos não se tratam apenas de:

sujeitos sem rosto, sem história, sem origem de classe ou fração de classe. Os sujeitos a que nos referimos são predominantemente jovens e, em menor número, adultos, de classe popular, filhos de trabalhadores assalariados ou que produzem a vida de forma precária por conta própria, do campo e da cidade, de regiões diversas e com particularidades socioculturais e étnicas.

Em estudo mais aprofundado acerca das transições sofridas pelos jovens nessa etapa final da Educação Básica e quanto às incertezas acerca do mercado de trabalho, Sposito e Galvão (2004, p. 370), apontam que “os dilemas que marcam a transição para um outro patamar do ciclo de vida ficam mais evidentes” nesta fase e que dar a “continuidade dos estudos não se afigura como caminho imediato para a maioria, o desejo de trabalhar ou de melhorar profissionalmente para os já inseridos no mercado torna-se mais urgente, com a percepção do iminente desemprego”.

Cabe ainda a este tópico explicitar o perfil leitor do aluno do EM, para tanto se faz necessário trazer primeiramente o conceito de leitura. Allende (2005, p. 5) afirma que a leitura é, fundamentalmente,

o processo de compreender o significado da linguagem escrita. Para os que sabem desfrutá-la, ela constitui uma experiência prazerosa que ilumina mundos de conhecimentos, proporciona sabedoria, permite conectar-se com autores e personagens literários que jamais conheceríamos pessoalmente e apropriar-se dos testemunhos dados por outras pessoas, tempo e lugares. Vista assim, sem dúvida, a leitura constitui a realização acadêmica mais importante na vida dos estudantes.

Para se atingir essa realização é necessário dotar o estudante/leitor da capacidade de entender os diferentes tipos de leituras estejam elas em qualquer que seja o suporte e dotá-los também da capacidade de selecionar, avaliar e assimilar a informação contida na leitura. Pimentel (2007, p. 76), explica que o processo de leitura só será completo quando o leitor vive e dialoga com o texto. A autora ainda afirma que “o bom leitor de certa forma, é um coautor, pois cria o texto de acordo com suas vivências”.

No entanto, no que se refere ao estudante do EM, estes podem apresentar dificuldades em nesse processo de leitura caso não tenham adquirido afinidade com a leitura nas séries anteriores, cabe, portanto a biblioteca escolar bem como aos professores e principalmente aos bibliotecários o papel de incentivar o hábito da leitura reflexiva entre os alunos do EM e prestar-lhes apoio nas dificuldades apresentadas no decorrer deste processo, porém não engessando todos os esforços da biblioteca em atividades de promoção à leitura.

Como já afirmado acima, parte dos jovens do EM também anseiam pelo mercado de trabalho ou atualizar-se profissionalmente, no que se refere aos alunos que já trabalharam. A biblioteca escolar para esses jovens, bem como para aqueles que buscam dar continuidade aos estudos, deve possibilitar que ambos alcancem os seus objetivos por meio de produtos, serviços e/ou atividades que sejam voltados desde a preparação para provas internas e vestibulares a como se portar numa entrevista de emprego ou como prepara um currículo. Dessa forma, a biblioteca escolar e seus responsáveis estarão desempenhando não só o seu papel de

educadores, mas como o de agentes que transformam a sociedade na qual está inserida.

2.3 O Bibliotecário escolar e suas facetas no ambiente escolar

Profissional essencial para o funcionamento integral de uma biblioteca, o bibliotecário escolar ganha destaque neste capítulo ainda que sua presença seja escassa nas bibliotecas escolares de rede privada e pública de ensino do DF. Milanesi (2002, p.64) afirma que aquele que se volta para atuação na biblioteca escolar intermediando a informação e o processo educacional, deve obrigatoriamente, compreender muito bem a criança e o adolescente, pois sem isso, sem essa dimensão educacional, o responsável pela biblioteca será, apenas, o agente da ordem dos manuais de regras.

O trabalho do profissional bibliotecário vai além das técnicas de armazenamento, busca, recuperação e disseminação da informação, segundo Milanesi (2002, p. 84), “o verdadeiro desafio profissional está em conhecer o público, essa sim é a tarefa mais complexa e vai além do domínio das técnicas de localização e busca”. Com relação aos serviços ofertados Milanesi (2002, p. 83) destaca que “os serviços de informação são tão específicos quanto é o público” e ainda explica que “o êxito na atividade profissional está em saber conciliar as exigências de uma determinada população com os serviços oferecidos e as ações desencadeadas”.

Válio (1990, p.22) entende que a biblioteca escolar é uma faceta de toda atividade escolar e o bibliotecário é tanto um professor como os outros como também um apoio e complemento para cada professor. O bibliotecário é um professor cuja disciplina é ensinar a aprender.

Dentro das competências exigidas de um bibliotecário escolar, Côrte e Bandeira (2011, p. 14) destaca algumas como, por exemplo:

- Facilitar a interação entre membros da comunidade escolar
- Possuir capacidade de comunicação e relacionamento interpessoal

- Saber que a informação é imprescindível à formação do aluno
- Dominar as modernas tecnologias de informação
- Estar atualizado na sua área de atuação
- Reconhecer sua profissão como importante e necessária para a sociedade
- Reconhecer-se como agente de transformação social

No que tange ao bibliotecário presente nas instituições de ensino que oferecem o EM, deve ater-se ao perfil específico desses alunos. Dentre suas atribuições de mediador da informação e educador, o profissional bibliotecário deve manter-se atualizado quanto às novas formas de aprendizagem e consumo de informação, principalmente no que diz respeito aos jovens e ao uso da internet, fato que será mencionado mais adiante. Deve ainda manter-se informado quanto às modificações na estrutura desta etapa final da Educação Básica, isso é, a estrutura do currículo formativo que será ofertado aos alunos, no intuito de contribuir de forma significativa para a formação educacional, profissional e social desses jovens.

Não raro muitos alunos entram e saem da escola sem usarem um serviço sequer da biblioteca ou mesmo saber da sua localização dentro da instituição de ensino, isso claro, quando há a existência de uma. Em uma busca dos “culpados” pela segregação da biblioteca escolar da rotina pedagógica dos estudantes, Capello (2009) explica que:

A culpa pelo isolamento da biblioteca da vida escolar é geralmente dividida entre professores e bibliotecários. Os primeiros são acusados de não reconhecer a importância da biblioteca e de usar estratégias antiquadas de ensino, centrando sua ação didática em aulas expositivas e prescindindo do apoio do bibliotecário. Os bibliotecários, por sua vez, são acusados de possuir formação deficiente para orientar aluno, tendendo a “se fechar em seus domínios” (CAMPELLO, 2009, p. 53).

Nesse sentido a autora faz uma crítica ao modo arcaico de se lecionar, onde professores raramente utilizam materiais extraclasse ou espaços diferenciados para ministrar as aulas, talvez por simples comodismo ou mesmo por desconhecer espaços na instituição de ensino que possam ser utilizados para dinamizar as aulas. No mesmo trecho é possível visualizar também a crítica ao estereótipo do bibliotecário escolar, o profissional eremita, que foge do contato com os alunos e se

isola atrás dos processos técnicos, muitas vezes por escolha própria outras pelo distanciamento entre a biblioteca e os alunos.

De modo semelhante e corroborando com Campello, Côrte (2011, p. 12), explica que para haver colaboração entre professores e biblioteca, cabe ao professor incentivar os educandos a buscarem a biblioteca como fonte de informação que tende a complementar o que foi apresentado em sala de aula. Afirma ainda, que a frequência ou mesmo a ausência dos alunos na biblioteca podem estar ligadas a motivação dos alunos pelo professor para que ampliem seus conhecimentos.

No que se refere à contribuição do bibliotecário para a busca dessa colaboração, cabe ao profissional fazer com que o corpo docente sinta-se participante da biblioteca, fazer com que os professores atuem do processo de formação do acervo e participem ativamente da escolha dos recursos de informação (livros, revistas, material de referência, etc.) (CÔRTE, 2011, p.12). A autora ainda enumera uma série de benefícios que a colaboração mútua entre professores e o profissional bibliotecário pode trazer aos alunos e a biblioteca, sendo algum deles:

- Criação e desenvolvimento do hábito da leitura
- Criação e desenvolvimento do hábito de buscar informação para fundamentos de trabalhos escolares
- Desenvolvimento da consciência crítica
- Motivação para a busca permanente do aperfeiçoamento intelectual

Campello (2009, p. 55) explica que a colaboração entre docentes e bibliotecários torna-se importante e mais efetiva quando aos bibliotecários cabem funções diretamente ligadas à aprendizagem e atividades que possam ser desenvolvidas com os alunos. A autora ainda usa o modelo de Montiel-Overall para apresentar os níveis de intervenção do bibliotecário no processo de aprendizagem dos estudantes. Neste modelo os níveis de colaboração do bibliotecário dentro da escola são:

- ***Coordenação***

Este primeiro nível de colaboração ocorre quando o bibliotecário realiza atividades esporádicas e pontuais dentro da instituição ensino. Atividades que variam, por exemplo, em apresentar a biblioteca para novos alunos e explicar o seu funcionamento bem como a disposição dos materiais de consulta. Nesse nível a interação entre bibliotecário e professor limita-se a estabelecer horários de visitas dos alunos à biblioteca ou divisão de responsabilidades para a organização de feiras de livros ou exposições. Ainda que possa haver uma aproximação ambos os profissionais trabalham de forma individual;

- ***Cooperação***

Ocorre quando o bibliotecário é informado sobre os trabalhos e pesquisas que estão sendo desenvolvidos pelo professor, separa o material adequado e presta auxílio aos alunos na localização de fontes de informação e normatizações. Nesse nível há maior colaboração e comunicação entre os profissionais, visto que o professor deve informar o bibliotecário de seus objetivos. Neste nível há o despertar da confiança mútua, que contribuem para os trabalhos de colaboração;

- ***Instrução integrada***

Neste nível são maiores o envolvimento e comprometimento do bibliotecário e do professor, pois há planejamento, implementação e avaliação das atividades em conjunto. Buscam desenvolver oportunidades de aprendizagem inovadora integrando as competências de ambos os profissionais, contribuindo para enriquecer a aprendizagem dos estudantes. Aqui o trabalho do bibliotecário e do professor é equiparado, pois o bibliotecário além de ensinar a identificar e localizar fontes, ainda auxilia o aluno no uso da informação para responder a questões de pesquisa ou a desenvolver atividades propostas pelo professor.

- ***Currículo integrado***

Neste nível ocorre a colaboração do bibliotecário com todos os professores da instituição ensino, pois a as atividades da biblioteca estão integradas ao currículo da escola e atinge todas as classes. Aqui a

competência do bibliotecário é reconhecida e utilizada para criar experiências significativas de aprendizagem. O bibliotecário ainda participa de encontros de discussão acerca de mudanças ou desenvolvimentos curriculares.

Para se chegar ao topo desta escalada, o nível quase utópico de *Currículo Integrado*, é necessário que o bibliotecário tome com o afinco o papel de educador e passe a exercê-lo de modo mais efetivos dentro da instituição de ensino com o intuito de mostrar aos membros do corpo docente que suas atribuições e conhecimentos contribuem para o processo de ensino e aprendizagem buscando cada vez mais o apoio e reconhecimento da equipe pedagógica.

Nada para a classe bibliotecária é fácil e nenhum reconhecimento é obtido sem trabalho árduo e entraves a serem vencidos. Nesse sentido, Campello (2009, p.58) cita o fator competitividade “quando o professor, trabalhando em projetos que envolvem a biblioteca, quer ter total autonomia, o que dificulta a colaboração” e ressalta ainda que alguns “professores veem os bibliotecários como um risco, uma ameaça de mudança que o uso da biblioteca pode representar em suas práticas pedagógicas”. Não existindo a colaboração mútua entre o corpo docente e a biblioteca, Ezequiel Theodoro (1989) afirma:

Sem a participação - ativa e constante - dos professores, a dinamização da biblioteca escolar dificilmente será viabilizada na prática. Isso porque são os professores os responsáveis pelo planejamento do ensino, o que, direta ou indiretamente, repercute na distribuição do tempo acadêmico dos alunos [...]. Sozinho e isolado, o responsável pela biblioteca não será capaz de fazer milagres. (SILVA, 1989, p. 30-31).

De modo semelhante a Campello (2009), Silva (1989), ainda explica que “não se pode alienar a biblioteca escolar do processo educativo sem prejuízo para todos os que participam da instituição de ensino: professores, alunos, direção”. Os professores perdem um precioso apoio técnico-pedagógico; o bibliotecário pela falta de colaboração vê os seus esforços, produtos e serviços se perderem sem uso, e perdem os alunos, que deixam de ter um grande instrumento de auxílio às tarefas escolares além, é claro, de um grande enriquecimento cultural e ampliação da sua visão crítica.

Fechando a discussão acerca da colaboração entre o corpo docente e a biblioteca, Capello (2009, p. 61), ressalta que cada caso deve ser analisado dentro da cultura de cada instituição, levando em consideração as práticas escolares ali desenvolvidas e o quão empenhados estão, bibliotecários e professores, para criar um ambiente de colaboração mútua no âmbito escolar.

Ainda que várias atividades como gerenciar o acervo, seleção e aquisição de material, entre outros, possa afastar o bibliotecário do contato direto com os alunos, este profissional deve ter em mente que juntamente com os professores, tem o papel fomentar nos alunos, o hábito de leitura, interesse em visitas a biblioteca e principalmente, no que se refere aos alunos do EM, a busca e a utilização de informação, para isso é imprescindível que o bibliotecário tenha conhecimento do planejamento pedagógico da instituição de ensino. Etapa tida como afinamento da Educação Básica, os alunos do EM necessitam de profissionais que os auxiliem a explorar o mundo de oportunidades sejam elas profissionais, culturais ou sociais.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

De caráter **exploratório e descritivo**, este estudo procurou identificar nas bibliotecas escolares de EM práticas realizadas pelos profissionais atuantes na biblioteca, bem como produtos e serviços, voltados para o auxílio aos alunos em suas necessidades informacionais características desta etapa do ensino.

Para tanto, primeiramente, foi necessário identificar o perfil do profissional atuante na biblioteca, isso é, a sua real área de formação, o tempo de trabalho na instituição ensino e as experiências profissionais anteriores. O levantamento do perfil dos estudantes atendidos pela biblioteca também foi necessário, e foi construído de acordo com a percepção do profissional presente na biblioteca.

A coleta de dados foi realizada através de entrevista semiestruturada, logo, a abordagem que mais se adequa ao estudo é a **qualitativa**, Oliveira (2008, p.38) a define como “processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico ou segundo sua estruturação”.

Em relação à entrevista semiestruturada, Minayo (2008) a define como uma combinação de perguntas fechadas e abertas, que permitem ao entrevistado falar abertamente sobre o tema em questão. A autora explica ainda, que o entrevistador se vale de um roteiro e/ou uma lista de questões que ajudam a focar no objetivo da pesquisa. Neste estudo, a entrevista foi composta por 19 perguntas organizadas em pequenos blocos temáticos, sendo eles: perfil do profissional atuante na biblioteca, perfil dos usuários, utilização do espaço, formas de auxílio aos alunos, colaboração entre professores e a biblioteca e por fim produtos e serviços específicos para os alunos do EM.

Na análise dos dados obtidos, além da transcrição das entrevistas, foi utilizado o método de análise de conteúdo. Bardin, (2009, p. 44), entende análise de conteúdo "um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens

indicadores que permitam a inferência de conhecimentos” estes sendo relativos às condições de produção/recepção destas mensagens obtidas.

O recorte geográfico do estudo limitou-se a contemplar as instituições de ensino da zona central de Brasília, a amostra em sua totalidade foi extraída da Asa Sul e Norte e se compõe de escolas da rede pública e privada de ensino e que serão mais detalhadas na discussão dos resultados mais adiante. A escolha pelas instituições que compõem a amostra deu-se pela proximidade entre elas, pela facilidade de acesso e por trazem contraste relevantes na apresentação dos resultados. O período de coleta dos dados ocorreu entre os dias 21 a 28 de novembro de 2018. Vale ressaltar que o estudo foi realizado com data prevista para apresentação no verão de 2019 e que por isso a coleta foi assim datada.

No que se refere à seleção das instituições para a realização da visita, listas de instituições de ensino, públicas e privadas, que oferecem o EM localizadas na região do Plano Piloto disponibilizada no portal da Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) serviram de base. Nelas continham o contato de e-mail e telefone de cada instituição bem como o seu endereço. Quanto às instituições privadas, 13 escolas foram contatadas, porém apenas quatro retornaram resposta afirmando interesse em participar. No decorrer dos dias, uma das bibliotecária desistiu da entrevista alegando problemas de autorização com a direção da escola. Esta deu lugar ao Colégio Militar Dom Pedro II, instituição híbrida.

Antes de entrarmos na análise e discussão dos dados obtidos é interessante apontar alguns dos percalços encontrados durante a coleta de dados. O primeiro deles diz respeito principalmente à dificuldade de comunicação com a biblioteca nas instituições de ensino.

Nas instituições da rede públicas, as bibliotecas contatadas sequer contavam com um ponto de telefone, o contato teve que ser feito com a secretaria ou coordenação da escola para que o aviso chegasse ao profissional responsável pela biblioteca. A distância entre a biblioteca e secretaria/coordenação também dificultavam a comunicação. O contato via e-mail para o agendamento de visitas não foi uma opção viável pelo descaso e demora no envio de respostas.

No tocante às instituições privadas, a própria direção das escolas dificultava o contato com as bibliotecas. Quando houve resposta das instituições via e-mail foi informado que não havia interesse em visitas de externos à biblioteca muito menos que bibliotecários falassem a respeito da instituição. Salvo às instituições que concordaram prontamente em abrir as portas das bibliotecas para este estudo e que serão citadas a frente, a grande maioria daquelas que foram contatadas nem mesmo retornou resposta alguma.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Segundo dados obtidos no *site* da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), a zona central de Brasília conta com dez instituições de ensino que oferecem o EM. As instituições diferenciam-se em Centro de Ensino Médio (CEM), quando oferecem somente as três séries do EM; Centro Educacional (CED), quando além das três séries do EM a instituição oferece o Ensino Fundamental e em alguns casos Educação para Jovens e Adultos (EJA). Em caso especial a zona central conta ainda com o Centro de Educação de Jovens e Adultos da Asa Sul (CEJA), e por se tratar de um grupo que não foi de interesse deste estudo, a instituição não entrou na tabela explicativa abaixo.

Tabela 1: Instituições públicas de ensino médio

Instituições Públicas de Ensino Médio no Plano Piloto			
Asa Sul / Asa Norte	Cruzeiro	Lago Norte	Lago Sul
CEM Asa Norte	CED 01	CED do Lago Norte	CED do Lago Sul
CEM Elefante Branco	CED 02		
CEM Paulo Freire			
CEM Setor Oeste			
CED GISNO			

Fonte: (SEEDF, 2018)

No que se referem às instituições privadas de ensino e que também oferecem o EM, o mesmo *site* da secretaria traz um total de 27 instituições. Segundo a secretaria este número foi extraído a partir dados do Cadastro das Instituições Educacionais Credenciadas do DF.

Contextualizado o quantitativo numérico das instituições de ensino na zona central de Brasília, a amostra constituiu-se de oito instituições sendo três da rede pública, quatro da rede privada e uma instituição híbrida, o Colégio Militar Dom Pedro II (CMDP II).

O CMDPII trata-se de uma instituição híbrida, isto é, pública por ter sido criada pela Lei 2393 de 07/06/1999 e ser subordinada ao Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal (CBMDF), porém, por não receber qualquer recurso do governo o

CBMDF mantém um convênio com a Associação de Pais, Alunos e Mestres do CMDP II para gerir os recursos originados da cobrança de uma mensalidade para a manutenção e pagamento de funcionários civis da instituição.

Tabela 2 - Instituições visitadas

Instituições Visitadas			
	Nome da Instituição	Idade do responsável	Formação do responsável
PPÚBLICA	CEM Elefante Branco	58 62	Sociologia Biologia
	CEM Paulo Freire	53	Engenharia elétrica
	CEM Setor Leste	67	Lic. Português
PRIVADA	La Salle de Brasília	43	Bibliotecária
	Colégio Marista de Brasília (Maristão)	58	Geografia Aux. Biblioteca
	Colégio Cor Jesu	46	Bibliotecária
	Anônima	32	Bibliotecária
HÍBRIDA	Colégio Militar Dom Pedro II (CMDPII)	44	Bibliotecária

Fonte: (SEEDF, 2018)

4.1 Perfil dos profissionais

No que corresponde ao perfil dos profissionais que atuam nas bibliotecas visitadas o principal objetivo foi identificar quais deles seriam ou não bibliotecário. Tendo em vista a situação precária e de abandono das bibliotecas das escolas da rede pública de ensino, uma solicitação de informação foi encaminhada à SEEDF por meio do Sistema Eletrônico do Serviço de Informações ao Cidadão (E-Sic) onde foi solicitada uma lista oficial de todos os bibliotecários efetivados na SEEDF e a respectiva instituição de lotação do mesmo. O documento encontra-se no **ANEXO A** deste trabalho.

Em resposta encaminhada pela SEEDF, foi informado que há um só registro de Analista de Gestão Educacional - Biblioteca, de nome Karin Torres Schiessl,

lotada na Subsecretaria de Educação Básica - Gerência de Políticas de Leitura e Tecnologias Educacionais.

Com o conhecimento prévio da inexistência de bibliotecários lotados nas bibliotecas escolares da rede pública, os profissionais que participaram da entrevista em sua grande maioria são professores readaptados, isso é, professores impossibilitados de lecionar em sala de aula, comumente por problemas de saúde, foram deslocados para biblioteca, onde segundo os entrevistados seria um local mais “tranquilo” para trabalhar até a chegada da aposentadoria.

Situações assim ocorreram em duas das instituições visitadas: CEM Elefante Branco e CEM Setor Leste, ambas na Asa Sul. Na primeira, dois professores readaptados são os responsáveis pela biblioteca e possuem licenciatura um em biologia e o outro em sociologia, ambos com idades superiores a 58 anos e afastaram-se da sala de aula por problemas emocionais e de locomoção. Na segunda, a situação é semelhante onde um professor de língua portuguesa, readaptado e com idade de 67 anos é o responsável pela biblioteca da escola.

No CEM Paulo Freire, Asa Norte, o profissional responsável pela biblioteca possui formação em engenharia elétrica. Diferentes dos casos anteriores, o engenheiro elétrico relatou que desde que entrou na SEEDF ele trabalha com bibliotecas, cerca de 10 anos. O profissional afirmou ainda, que por mais que possua experiência em bibliotecas, acumuladas nesse período de dez anos, ele não possui conhecimentos técnicos na área como classificação e catalogação.

O Colégio Marista de Brasília (Maristão), assim como outras instituições que possui várias unidades espalhadas pelo DF, conta com um único profissional bibliotecário para toda rede e que supervisiona as demais unidades que ficam a cargo de, quando muito, auxiliares de biblioteca. Na unidade Maristão, Asa Sul, a responsável pela biblioteca é uma auxiliar de biblioteca que possui formação em geografia. Na instituição ela se dedica somente a biblioteca. O mesmo caso repete-se na instituição que não permitiu a divulgação do nome, uma única bibliotecária responde pela rede de bibliotecas de forma geral, enquanto auxiliares se responsabilizam pelas bibliotecas individuais.

Diferente das mencionadas acima, as três últimas, CMDP II, Cor Jesu e La Salle, contam com profissionais formados em biblioteconomia todos pela Universidade de Brasília (UnB). Os Profissionais ainda contam com a ajuda e suporte de auxiliares de biblioteca, que auxiliam no processo de empréstimo e devolução, organização do acervo, entre outras atividades desenvolvidas nas bibliotecas. Conforme relatado pelas três bibliotecárias, ambas possuem experiências com outro tipo de biblioteca que não só a escolar como também universitárias e especializadas.

4.2 Perfil dos usuários e a utilização do espaço

Neste tópico o objetivo foi, através do olhar dos profissionais atuantes na biblioteca, identificar o perfil dos usuários do EM. Buscou-se saber se há assiduidade destes usuários em visitar a biblioteca, bem como quais são as suas demandas à biblioteca.

Analisando conjuntamente as respostas dos profissionais que atuam nas bibliotecas da rede pública de ensino, o perfil dos usuários desenhados por eles se assemelha muito no que diz respeito à assiduidade dos jovens à biblioteca. Foi relatado pelos profissionais que há na biblioteca aqueles usuários que já são caracterizados como “figurinhas carimbadas”. Estes, sempre visitam a biblioteca de forma regular, possuem cadastro para o empréstimo de livros e sempre procuram por obras literárias que estão em alta entre os jovens da mesma idade.

As bibliotecas do CEM Paulo Freire e Setor Leste, ainda que numa quantidade limitada, disponibilizam aos estudantes acesso a computadores conectados à internet e copiadoras, o que, na visão dos profissionais presentes na biblioteca, atrai aqueles usuários não assíduos quem vêm em busca quase sempre de formatação de trabalhos escolares e cópias. O CEM Elefante Branco, infelizmente, não dispõe de nenhum outro atrativo aos jovens que não sejam os livros de literatura.

Essa falta de atrativos encabeça a lista de desejos dos frequentadores das três bibliotecas. Os profissionais descreveram a constante demanda dos

adolescentes por mais acesso a computadores, rede Wi-fi na biblioteca e a compra de novos títulos para a atualização do acervo, o auxílio em pesquisas escolares também é uma demanda recorrente dos alunos, além é claro das obras literárias que são cobradas nas três etapas do PAS.

Ao serem questionados acerca de como as demandas desses alunos são solucionadas a resposta foi quase que unânime, “fazemos o possível com o pouco que se tem”. Sem muitos recursos ou conhecimentos técnicos da área de biblioteconomia no que se refere à busca e uso da informação, os profissionais informaram que para atender aos alunos procuram repassar as demandas à direção da escola, mas que nunca estas ficam em primeiro plano dentro do orçamento apertado da instituição.

Quando analisadas as instituições privadas, que se encontram a poucas quadras de distância das públicas, uma realidade totalmente diferente é desenhada pelos entrevistados. No Maristão, a biblioteca atende pela nomenclatura de Centro de Recursos de Aprendizagem (CRA), onde além do acervo são disponibilizados aos alunos computadores conectados à internet, máquinas de cópia e Xerox, Wi-fi e cabines de estudo coletivas. A responsável pelo CRA conta que os alunos visitam e fazem uso dos seus produtos e serviços com frequência e que essas visitas se intensificam em períodos de provas. No que diz respeito às demandas dos estudantes, a atualização do acervo é a mais recorrente, os jovens solicitam constantemente a compra de títulos literários que estão em alta. A grande parte destas solicitações de compras, quando fazem parte do escopo do acervo, são adquiridas pela instituição sem maiores problemas.

Nas instituições que além do EM oferecem as séries iniciais e o ensino fundamental, como o Colégio La Salle e Cor Jesu, a primeira aparência da biblioteca leva a crer que o público alvo não se trata dos alunos do EM. São bibliotecas mais lúdicas e voltadas quase sempre para a promoção da leitura e atividades afins. Ambas as bibliotecárias destas duas instituições afirmam que não há uma assiduidade dos alunos do EM em visitar a biblioteca e por tanto quase não há demandas desse público em especial e quando há, a instituição procura atender de forma a estimular a vinda desses jovens a biblioteca. A maioria dessas demandas

trata-se, também, da atualização do acervo. Em caso mais específico, colégio Cor Jesu, a responsável pela biblioteca afirma que o contato dos jovens do EM com a biblioteca é muito pequeno.

Deixado por último neste tópico, o CMDP II trouxe informações curiosas. O perfil dos alunos do EM do colégio não se diferencia muito dos demais já citados acima, são jovens assíduos na biblioteca e como todos os outros procuram por obras literárias do momento, bem como utilizar o espaço da biblioteca para leitura e os computadores também conectados a internet para a realização de trabalhos escolares, o relato curioso trata-se da dificuldade da biblioteca em atender as demandas dos jovens. A responsável pela biblioteca conta que “é difícil adicionar algo na biblioteca que os alunos já não possuam em casa”, fazendo menção ao poder aquisitivo dos alunos.

As demandas dos jovens do CMDP II visam à modernização da biblioteca e a ampliação do seu espaço físico para a realização das atividades propostas pela biblioteca. Suportes mais dinâmicos de leitura como *tablets* e *iPads*, bem como o seu empréstimo, computadores mais modernos e uma rede Wi-fi mais potente são suas principais reivindicações.

Ainda sobre as demandas dos jovens às bibliotecas, uma delas foi mencionada em todas as entrevistas, a busca pelas obras do PAS pelos alunos das três séries que compõem o EM. Esta é uma das poucas demandas que, ainda com dificuldades devido ao grande número de alunos que procuram os títulos, as bibliotecas conseguem atender de forma minimamente satisfatória. Porém há ainda a busca, pelos alunos do terceiro ano, por material pré-vestibular, esta quase nunca sendo bem atendido pelas bibliotecas da rede pública.

Ao final deste bloco, respectivo ao perfil dos jovens do EM, os entrevistados que trabalhavam com outras séries além do EM foram questionados acerca das características que distinguiam os alunos do EM dos demais. Em todas as respostas o destaque foi dado à maturidade dos jovens e ao fato de ser percebida uma diminuição no número de livros lido em relação às séries anteriores.

Os profissionais das instituições públicas, que também notaram e relataram essa diminuição, afirmaram que ela se dá devido ao grande número de matérias que compõem a grade curricular dos alunos e a carga de leitura obrigatória que elas exigem. Nas instituições privadas, os profissionais foram um pouco mais além, e relataram que a cobrança dentro da instituição é maior e que algumas vezes as visitas à biblioteca são cobradas em sala de aula. Foi informado ainda que as leituras que não são realizadas na biblioteca são compensadas com atividades extraclases.

4.3 Tipo de auxílio prestados aos alunos

Este pequeno bloco que se compõe de apenas duas perguntas teve o objetivo de verificar o que os alunos demandam diretamente do profissional presente na biblioteca e quais as dificuldades deste profissional em atendê-las. O resultado já esperado seria que os profissionais que não possuem conhecimentos mínimos de biblioteconomia apresentariam maiores dificuldades em auxiliar os jovens em suas demandas informacionais.

Analisando de forma conjunta as respostas acerca do auxílio solicitado pelos alunos aos profissionais na biblioteca, dúvidas sobre formatação de trabalhos escolares são as mais frequentes dentre os alunos do EM. Outros tipos de auxílio também foram mencionados pelos profissionais entrevistados, desde os mais simples como a sugestão de sites confiáveis de busca, indicação de boas obras literárias presentes na biblioteca, até a solicitações um pouco mais técnicas como a forma de utilizar os computadores da biblioteca bem como dúvidas relativas ao uso das ferramentas do pacote Office como Word, Excel, PowerPoint, etc.

Conforme já esperado, os profissionais que não possuíam conhecimentos de biblioteconomia, ainda que tivessem algum tempo de experiência na biblioteca da instituição, foram os que mais apresentaram dificuldades em auxiliar os alunos. Entre as dificuldades elencadas por eles a falta de conhecimentos básicos relativos à biblioteconomia e à informática são os principais entraves no auxílio satisfatório aos estudantes do EM. Em alguns casos como o CEM Elefante Branco e CEM Setor Leste, os profissionais responsáveis pela biblioteca afirmaram não ter nenhuma afinidade com informática ou outras tecnologias.

Ainda no âmbito das instituições públicas, os profissionais que participaram da entrevista afirmaram reconhecer a necessidade de pessoal com conhecimentos de biblioteconomia para o melhor auxílio dos alunos. Solicitações simples, como saber a localização de um livro no acervo da biblioteca ou se este livro está ou não emprestado, torna-se quase impossível por não haver um sistema de biblioteca ou mesmo uma classificação simples do acervo que possibilite a busca e consulta rápida.

Consoante com o resultado esperado, os bibliotecários e auxiliares de bibliotecas não relataram grandes dificuldades em auxiliar o os alunos do EM em suas demandas. Assim como os estudantes das instituições citadas acima, os jovens costumam demandar de forma constante auxílio quanto às normas de formatação da ABNT para a realização de trabalhos escolares e reservas das obras do PAS.

Quanto às demandas dos alunos à biblioteca e aos profissionais que nela trabalham, foi que percebido que nelas estão impressas o que é cobrado e oferecido aos alunos pela escola em relação ao programa pedagógico da instituição. Um exemplo disso foi encontrado no Colégio La Salle, onde a bibliotecária relatou que a instituição apoia e incentiva os alunos a trabalharem com materiais audiovisuais para apresentação de trabalhos escolares do EM, e por tanto oferecem na biblioteca recursos bibliográficos e tecnológicos aos alunos que os auxilia na realização de vídeos e peças teatrais. A responsável pela biblioteca ainda afirmou ainda que dessa forma os jovens do EM da instituição se interessam e demandam cada vez mais sobre o tema.

Entre as dificuldades mencionadas pelas bibliotecárias e auxiliares de bibliotecas em atender ao EM a financeira é a maior. Ainda que se trate de escolas privadas e híbrida, no caso do CMDP II, nem sempre a biblioteca é totalmente contemplado no orçamento da instituição, principalmente no que diz respeito às aspirações dos alunos por inovações tecnológicas na biblioteca.

4.4 Colaboração entre professores e biblioteca

Entre os blocos em que a entrevista semiestruturada foi dividida este foi um dos que revelou a posição ocupada nas instituições de ensino pela biblioteca e seus responsáveis. Neste bloco os profissionais foram questionados sobre o quão são participantes do processo de tomadas de decisões pedagógicas da instituição de ensino e quanto ao nível de envolvimento que eles possuem com o corpo docente.

Neste tópico, por terem apresentado um padrão de respostas muito semelhantes, as respostas de todas as instituições públicas serão apresentadas conjuntamente. O mesmo será feito com as instituições privadas de ensino agregando a elas o CMDP II.

Nas instituições públicas de ensino, ao serem questionados sobre a interação entre biblioteca e professores, os entrevistados afirmaram não haver um relação estreita entre sala de aula e biblioteca, pelo contrário, são raras as visitas dos professores à biblioteca seja individualmente ou em com as turmas. Em casos raros durante o ano há uma solicitação ou outra de agendamento para a utilização do espaço da biblioteca para aulas expositivas.

Os alunos do EM possuem uma grade curricular composta por, em média, 12 ou mais disciplinas que são ministradas durante o ano letivo. Levando em consideração que cada disciplina é ministrada por um professor diferente, tem-se aí uma gama de profissionais que poderiam contribuir e utilizar os recursos e espaço da biblioteca trazendo visibilidade a ela como um recurso pedagógico. Porém, os relatos dos entrevistados são de que uma parcela mínima desses professores faz uso da biblioteca, dentre os poucos usuários foram citados os professores de português, inglês e em alguns casos os professores de artes.

Como já mencionado em respostas anteriores, as bibliotecas das instituições CEM Paulo Freire e Setor Leste disponibilizam computadores aos alunos e professores e segundo os entrevistados esse é serviço procurado por alguns professores. Em relação à comunicação com o corpo docente, os professores de português são, na maioria das vezes, os mais próximos da biblioteca e de seus

responsáveis por demandarem, por exemplo, obras para serem trabalhadas em aulas de redação e literatura. São esses professores juntamente com alguns alunos que comunicam à biblioteca quais obras serão cobradas nas três etapas do PAS do ano em questão, para que se possível seja feita a compra ou mesmo a reserva dos poucos exemplares de que a biblioteca dispõe para os estudantes.

Nos relatos desses profissionais responsáveis pela biblioteca não constam projetos e/ou parcerias, constantes, realizadas juntamente com os professores, mas sim relatos da dificuldade de aproximação com o corpo docente. Esta dificuldade estende-se ainda à direção da escola, muitas vezes omissa em relação às necessidades materiais e humanas básicas da biblioteca para que ela possa atender minimamente às necessidades dos alunos. Quanto à participação nas reuniões de conselho escolar, os responsáveis pela biblioteca não possuem voz ativa para a tomada de decisões pedagógicas na instituição, o papel que eles desempenham são de meros ouvintes e reclamantes das condições precárias da biblioteca.

Um cenário diferente é desenhado pelas bibliotecárias e auxiliares de biblioteca da rede privada de ensino juntamente com o CMDP II. Nessas instituições há uma grande rede de colaboração e parceria entre bibliotecários e o corpo docente não só do EM, mas como também, professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. Nessas instituições a biblioteca é utilizada como extensão da aula e como um recurso informacional indicado pelos professores aos alunos.

No que se refere especificamente aos professores do EM e seu envolvimento com a biblioteca e seu responsável, a relação de parceria e colaboração é construída por meio de projetos e atividades que são realizados conjuntamente, como por exemplo, saraus, feiras do livro e leitura, projetos que visam o estudo das obras do PAS de forma mais dinâmica e atraente aos jovens, entre outros. Os professores ainda participam do processo de seleção de material bibliográfico para a biblioteca sugerindo títulos a serem adquiridos.

Com relação à participação dos bibliotecários e auxiliares de biblioteca na tomada de decisões no conselho escolar, os mesmos participam das reuniões junto a direção e coordenação da escola e que quando solicitado opinam e discutem acerca

de projetos pedagógicos que envolvam a biblioteca como atualização do acervo e em alguns casos pontuais participam, quando solicitados, do processo de escolha do livro didático.

Em caso específico, narrado pela bibliotecária do Colégio Cor Jesu, ela explica que participa mais ativamente das tomadas de decisões pedagógicas que dizem respeito à Educação Infantil e Ensino Fundamental e que quase nunca faz parte das decisões quanto ao EM. Vale ressaltar que essa foi a instituição, que em questões anteriores, já havia afirmado a pouca aproximação dos alunos do EM com a biblioteca.

A cooperação mútua entre professores e a biblioteca é construída na intuição por meio de projetos pedagógicos que já fazem parte da rotina escolar, bem como outros que são idealizados ao longo do ano letivo. As bibliotecárias e auxiliares de biblioteca contam que o corpo docente é solícito e acessível e que enxergam a biblioteca como um apoio a mais na instituição. Relatam ainda, que partes dos professores, não todos, deixam a equipe da biblioteca a par do conteúdo das aulas para que de alguma forma a equipe possa se preparar para eventuais demandas, como solicitação de obras literárias ou pesquisas escolares.

Em suma, no que diz respeito às instituições públicas onde são raras ou inexistentes as ocasiões em que há entrosamento entre professores e biblioteca, nas instituições privadas onde há a presença do profissional bibliotecário o entrosamento encontrasse no nível de **cooperação**, onde Campello (2011, p. 55), como já mencionado em capítulos anteriores, explica haver maior colaboração e comunicação entre os profissionais (bibliotecários e docentes) visto que o professor informa o bibliotecário de seus objetivos, a autora ainda explica que neste nível há o despertar da confiança mútua, que contribuem para os trabalhos de colaboração.

4.5 Produtos e serviços oferecidos aos alunos do EM

Conforme já mencionado em capítulos anteriores, Côrte e Bandeira (2011, p. 10) afirmam que a biblioteca escolar deve investir todos os seus esforços para identificar e atender às necessidades informacionais da primeira categoria de

usuários (alunos e professores juntamente com todos aqueles que fazem a escola acontecer). Nesse sentido, este bloco buscou identificar o que a biblioteca escolar e seus responsáveis têm oferecido aos alunos do EM em relação a produtos, serviços, projetos, práticas de auxílio que são realizadas voltadas a contribuir com a formação educacional e pessoal desses jovens.

Este bloco relata a atual situação de algumas das bibliotecas escolares que se encontram na zona central da capital federal. Partindo da ideia de que uma biblioteca escolar bem equipada com recursos informacionais que não só o livro didático e um acervo desatualizado é, para os jovens, uma oportunidade de se destacar como aluno, como futuro universitários e/ou trabalhador em potencial, a desigualdade de oportunidade entre os alunos que frequentam as bibliotecas das instituições públicas e os que frequentam as bibliotecas escolares das instituições privadas são gritantes e dignas de revolta.

No tocante às bibliotecas das instituições públicas de ensino, seus responsáveis foram questionados acerca do que é oferecido aos alunos em questão de serviços que contribuam com a sua formação, lembrando que nas três instituições são atendidos somente alunos do EM. Os relatos finais desses profissionais encerram as discussões abordadas nas perguntas dos blocos anteriores. Os relatos da falta de recursos humanos e financeiro, de profissionais adequados, a falta de comunicação com o corpo docente, a falta de voz ativa dos profissionais responsáveis pela biblioteca nos conselhos escolares resultam na falta de produtos e serviços de qualidade a serem oferecidos aos alunos, impossibilitando muitas vezes até a realização de algumas atividades propostas voluntariamente pelos responsáveis pela biblioteca.

Dentro das limitações encontradas dentro de cada instituição, os entrevistados listaram uma série de serviços e práticas de auxílio que são passíveis de realização levando em consideração às demandas dos alunos. Em relação ao acervo da biblioteca são divulgadas as novas obras que são adquiridas pelas raras compras ou por doações, os responsáveis pela biblioteca fazem uma espécie de estante de novas aquisições, também improvisada, para que os alunos vejam e tenham acesso de forma rápida às novidades e de certa forma tenham a sensação

de que o acervo está em atualização. Afirmam ainda que essa prática estimula os alunos a fazerem doações de obras literárias e de outros materiais como apostilas de pré-vestibular que dão origem a outro serviço.

Em atenção aos alunos que buscam material de fomento a preparação para as provas do PAS e outros vestibulares, são disponibilizadas na biblioteca uma série de apostilas de preparação para o PAS, todas fruto de doações dos alunos que frequentaram cursinhos pré-PAS fora da escola. Essas apostilas, conforme afirmaram os responsáveis pela biblioteca das três instituições, são de uso consumível e não entram na ficha de empréstimo como os livros da instituição. Os alunos podem leva-las para casa e fazer uso delas livremente e, se possível, que seja feita a devolução para que outros alunos possam vir a usá-las.

Com o objetivo de atender ainda esses alunos, a biblioteca ocupa-se em reservar para os jovens do EM as poucas obras disponíveis no acervo que serão cobradas nas etapas do PAS. Com o número reduzido de exemplares frente ao grande número de demandas, os responsáveis pela biblioteca organizam uma espécie de rodízio para que o maior número de alunos possa ter acesso às obras.

Algumas outras atividades que são realizadas quando possível foram citadas pelos profissionais como premiação dos alunos que mais leram durante o ano, exposições na biblioteca de obras confeccionadas pelos alunos nas aulas de artes e alguns raros lançamentos de livros com a presença de autores locais. No intuito de comunicar os alunos quanto a exposições e cursos gratuitos que são oferecidos fora da escola, os responsáveis pela biblioteca, por conta própria, disponibilizam *folders* de informação no balcão de empréstimo.

Ainda que de forma precária, por não contar com recursos financeiros, e solitária, por não contar com a interação da direção e corpo docente da escola, os profissionais que ali se encontram procuram ao máximo manter a biblioteca viva de alguma forma, procuram fazer com que ela seja necessárias aos jovens do EM.

A algumas quadras dessas instituições, mais vez uma vez a realidade vivida por alunos e bibliotecários é outra. Fruto da cooperação estabelecida entre direção e

docentes, as bibliotecárias e auxiliares de biblioteca listam serviços e práticas de auxílio realizadas individual e conjuntamente com os professores que contribuem de forma significativa para a formação dos alunos.

Preocupados em inserir os seus alunos futuramente em no nível superior de ensino as instituições apostam em curso preparatório pré-vestibular oferecido dentro da própria instituição. Como relatado pelas bibliotecárias e auxiliares de biblioteca, a atividade acontece em turno contrário às aulas e a biblioteca tem o papel de fomentar material de estudo e consulta para os alunos e suporte técnico aos professores que ministram as aulas preparatórias, além é claro de prover espaço físico para estudo.

A demanda recorrente dos alunos por auxílio em formatação de trabalhos escolares mobilizou a bibliotecária do CMDP II a dar início ao projeto “Dando ajuda”, onde em turno contrário às aulas ela auxilia uma série de alunos do EM na realização dos trabalhos escolares. Relatou ainda, que buscou a parcerias dos professores para inserir a biblioteca como parceira no cursinho pré-PAS oferecido pela escola.

Por serem oferecidas atividades em período contrário às aulas a biblioteca passa a ser utilizada com mais frequência por esses alunos tanto para estudo ao mesmo como sala de descanso, contam as bibliotecárias. As salas de estudos, outro serviço oferecido aos alunos do Colégio Maristão, por exemplo, são utilizadas com frequências pelos alunos que passam maior parte do tempo na escola. O espaço da biblioteca também é utilizado pelos professores para a realização de aulas expositivas mediante agendamento com a responsável pela biblioteca.

Outras atividades também acontecem nas instituições no decorrer do ano como feiras do livro, saraus, contações de história (nas escolas que oferecem a educação infantil e ensino fundamental), e demais atividades que são propostas pelos professores em parceria com a biblioteca.

Outros serviços simples, que nem deveriam ser citados por serem básicos em uma biblioteca, são oferecidos por essas bibliotecas como com sistema eletrônico de

empréstimo e consulta do acervo e classificação do acervo. Ainda que básicos os serviços citados são alheios a realidade das bibliotecas escolares das instituições públicas de ensino.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A situação em que se encontram as bibliotecas escolares não é e nunca foi segredo para alunos, professores e bibliotecários. Segregada em um canto a parte da instituição de ensino e alheia a sala de aula, ela raramente é inserida de fato na vida escolar dos alunos. Sem profissionais adequados, sem recursos de informação, sem visibilidade dentro da instituição a biblioteca é incapaz de contribuir significativamente com formação dos alunos que a frequentam, não nos moldes em que se encontram as bibliotecas escolares da rede pública de ensino que fizeram parte deste estudo.

Motivado pelo desejo de encontrar novidades quanto à realidade das bibliotecas escolares da zona central de Brasília, os resultados do estudo demonstraram que mais uma vez que as mesmas encontram-se negligenciadas pelos órgãos competentes e pela instituição de ensino. Por consequência, negligenciada também está à educação igualitária e de qualidade aos alunos da rede pública, por negar a eles recursos básicos que ampliam o processo de ensino e aprendizagem.

Conforme mostraram os resultados obtidos pelas entrevistas e confirmados pela SEEDF, não há um só bibliotecário atuando nas bibliotecas escolares das instituições públicas de ensino. Esse dado em especial impacta diretamente no problema de pesquisa deste trabalho, pois sem profissionais adequados nas bibliotecas todos os poucos serviços e produtos que são oferecidos aos alunos ficam comprometidos. Somado a isso está também o distanciamento entre os professores e a biblioteca que dificulta a realização de práticas de auxílio aos alunos. A biblioteca mais uma vez perde a sua função de apoiar o processo de ensino.

A falta de produtos e serviços oferecidos pelas bibliotecas da rede pública de ensino expôs, mais uma vez, a superioridade das instituições privadas sobre ela e diante disso a desigualdade na concorrência pelo nível superior e/ou mercado de trabalho entre os seus alunos após a conclusão do EM. Fruto da cooperação entre professores e bibliotecários presentes nas instituições privadas, uma série de produtos e serviços podem ser desenvolvidos para a complementação da formação

dos alunos, bem como sanar demandas específicas, como foram citados na análise dos resultados.

Cabe destacar ainda que as dificuldades dos profissionais não bibliotecários em lidar com os alunos do EM já era esperada, mas o estudo também revelou que há também dificuldades, ainda que menores, por parte dos bibliotecários em aproximar-se desses alunos principalmente nas intuições que oferecem outros níveis de ensino com Educação Infantil e Ensino Fundamental. Nelas, a biblioteca acaba voltando a suas atividades para as séries iniciais com projetos mais dinâmicos como de incentivo à leitura, hora do conto, roda de leitura e teatro, tornando os serviços para o EM mais engessados.

Ao ter proximidade das bibliotecas escolares visitadas é perceptível que às vésperas de se encerrar o prazo para o cumprimento da Lei 12.244 de 2010, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino, nada tem sido feito para de fato inserir a biblioteca no contexto escolar. Tal morosidade decorre da falta de discussão, conhecimentos técnicos e bom senso dos nossos legisladores no processo realização da lei.

Por fim, levando em consideração a literatura recorrida para a realização deste trabalho e os fatos narrados, a importância deste estudo está em trazer a preocupação em se discutir sobre a contribuição da biblioteca escolar, bem como a dos bibliotecários, para a formação dos alunos do EM, visto que esses usuários por vezes são deixados de lado em meio às facilidades e o maior dinamismo em se trabalhar com as séries iniciais e Ensino Fundamental.

Ainda são poucas as produções científicas na Ciência da Informação que tratam dos alunos do EM e sua relação com a biblioteca e de como a biblioteca pode ser fundamental da formação social, educacional e profissional desses jovens em especial. Mais estudos, e em uma escala maior, devem ser realizados para nortear práticas de auxílio, produtos e serviços mais efetivos e que abranjam também as relações entre o corpo docente e a biblioteca.

Haja vista a literatura apresentada neste trabalho e os fatos concretos trazidos a partir das entrevistas, as bibliotecas escolares presentes nas instituições de EM do DF, mais especificamente no que diz respeito às instituições públicas, assim como seus responsáveis, carecem passar por um processo de modernização e atualização. Modernização quanto a sua estrutura física e administrativa e quanto à posição ocupada dentro da instituição e das propostas pedagógicas e atualização quanto às novas formas de ensino e aprendizagem e de uso da informação.

Tavares (1973) afirma que “graças ao trabalho eficiente do Bibliotecário é que a Biblioteca pode existir, da sua ação, do seu conhecimento, depende a Biblioteca para ser dotada e estar preparada para atender as necessidades do aluno.” Nesse sentido, como futuro profissional bibliotecário espero, no início da minha caminhada bibliotecária, encontrar profissionais de fato atuantes, críticos e, sobretudo comprometidos com a biblioteca e o seu papel de educador. Profissionais que de fato façam com que as bibliotecas escolares tenham visibilidade e impacto significativo na formação dos alunos desde a Educação Infantil ao EM, contribuindo assim para uma educação mais justa e igualitária.

6 REFERÊNCIAS

ARANHA, Ana. A escola que os jovens merecem. In: Revista Época, 17 ago. 2009. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI87998-15223,00-A+ESCOLA+QUE+OS+JOVENS+MERECEM.html>>. Acesso em: 29 mar. 2019.

BELLUZZO, C.R.B. **Competências na era digital**: desafios tangíveis para bibliotecários e educadores. Educação Temática Digital, v.6, n.2, p.27-42, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/772>> Acesso em: 23 de set, 2018.

BRASIL. **Lei 8.069, de 13 de Julho de 1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília: Ministério da Justiça, 1990.

_____. **Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm>. Acesso em: 23 set.2018.

_____. **Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm>. Acesso em: 23 set. de 2018.

_____. **Lei nº 12.244, de 24 de maio 2010**. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Diário Oficial da União, Brasília, 25 maio 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm>. Acesso em: 29 mar. 2010.

_____. Ministério da Educação (MEC). **Programa de Melhoria e Expansão do Ensino Médio - Projeto Escola Jovem**: síntese. Brasília: MEC, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/Escola%20Jovem.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2019.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC 2ª** versão. Brasília, DF, 2016. Disponível em:<
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2019.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

CAMPELLO, Bernadete. **Letramento informacional**: função educativa do bibliotecário na escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 79 p.

CAMPELLO, Bernadete; SILVA, Mônica do Amparo. **A biblioteca nos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Revista Presença Pedagógica. Belo Horizonte, v. 6, n. 33, p. 59-67, 2000.

CARVALHO SILVA, Jonathas Luiz. **Uma análise sobre a identidade da Biblioteconomia**: perspectivas históricas e objeto de estudo. Olinda: Edições Baluarte, 2010.

CONFEDERAÇÃO Nacional dos Trabalhadores em Educação. Consequências práticas da BNCC e da reforma do ensino médio. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 12, n. 23, p. 413-425, jul./out. 2018. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

CÔRTE, Adelaide Ramos e; BANDEIRA, Suelena Pinto. **Biblioteca escolar**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2011.

DALRI, Vera Regina; MENEGHEL, Stela Maria. **Caminhos percorridos pelo ensino médio**. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 9., 2009, Paraná.

Anais do Encontro Brasileiro de Psicopedagogia. Paraná: Pucpr, 2009. p. 7691 - 7699. Disponível em: < http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3294_1919.pdf >. Acesso em: 29 mar. 2019.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. 2003, n.24, p. 40-52. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2019.

EISENSTEIN, E. . **Adolescência**: definições, conceitos e critérios. *Adolescência & Saúde* (UERJ), Rio de Janeiro, v. 2, n.2, p. 6-7, 2005.

FELIPPE, Beatriz Tricerri. **Refletindo sobre o Ensino Médio Brasileiro**. Porto Alegre: Ritter dos Reis, 2000.

FONSECA, E. N. da, **Introdução à biblioteconomia**. 2 ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos Livros, 2007.

FRIGOTTO, Gaudêncio; FRANCO, Maria Aparecida Ciavatta (Coord.). **Ensino médio**: ciência, cultura e trabalho. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2004. 338 p.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Centro de Recursos de Aprendizagem: biblioteca escolar para o século XXI. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 11, n. 1, p. 138-153, jan./abr. 2013. Disponível em:< <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1656>>. Acesso em: 29 mar. 2019.

GONÇALVES, Suzane da Rocha Vieira. Interesses mercadológicos e o “novo” ensino médio. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 11, n. 20, p. 131-145, jan./jun. 2017. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>>. Acesso em 27 mar. 2019

THE INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **Diretrizes da IFLA para as Bibliotecas Escolares**. 2016.

Disponível em: <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/file/1853/guide_lines_2016.pdf>.

Acesso em 28 mar. 2019.

KRAWCZYK, Nora. Reflexão sobre alguns desafios do ensino médio no Brasil hoje.

Cad. Pesqui. [online]. 2011, vol.41, n.144, pp.752-769.

KRAWCZYW, Nora. **O ensino médio no Brasil**. São Paulo: Ação Educativa, 2009.

(Em questão, 6). Disponível em:< >. Acesso em 07 de nov. de 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008. 407 p.

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial**. Brasília: Brique de Lemos, 2006.

MORAN, José Manuel. **O uso das novas tecnologias da informação e da comunicação na EAD: uma leitura crítica dos meios**. Palestra proferida pelo Professor José Manuel Moran no evento “Programa TV Escola – Capacitação de gerentes”, realizada em Belo Horizonte e Fortaleza, no ano de 1999. Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/T6%20TextoMoran.pdf>> Acesso em: 29 mar. 2019.

PELLISSARI, L. **O fetiche da tecnologia e o abandono escolar na visão de jovens que procuram a educação profissional técnica de nível médio**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

PIMENTEL, Graça; BERNARDES, Liliane; SANTANA, Marcelo. **Biblioteca escolar**. Cuiabá:Universidade Federal de Mato Grosso / Rede e-Tec Brasil, 2013.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Biblioteca escolar: quem cuida?. In. Garcia, Edson Gabriel. (coord.) **Biblioteca escolar: estrutura e funcionamento**. São Paulo: Loyola, 1989. p. 27-33.

SPOSITO, M. P.; GALVÃO, I. **A experiência e as percepções dos jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens**: o conhecimento, a indisciplina, e violência. Revista Perspectiva, V. 22, n. 2. p. 345-380. Florianópolis-SC: UFSC, 2004. Disponível em: <

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/9649> >. Acesso em: 29 mar. 2019.

TARTUCE, Gisela Lobo B. P.; MORICONI, Gabriela Miranda; DAVIS, Claudia L. F. and NUNES, Marina M. R.. Desafios do ensino médio no Brasil: iniciativas das secretarias de educação. **Cad. Pesqui.** [online]. 2018, vol.48, n.168, pp.478-504.

TAVARES, Denise Fernandes. **A Biblioteca escolar**. São Paulo: Lisa, 1973.

TODD, R.J.; KUHLMAN, C.C. **Student learning through Ohio school libraries, part 1**: how effective school libraries help students. School Libraries Worldwide, v.11, n.1, p.63-88,2005. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/265043672_Student_Learning_Through_Ohio_School_Libraries_Part_1_How_Effective_School_Libraries_Help_Students>. Acesso em 28 de set de 2018.

TODOS Pela Educação. **Ensino Médio**: o que querem os jovens?. Multifocus, 2017. Disponível em:<<http://www2.camara.leg.br/a-camara/programas-institucionais/educacao-para-a-cidadania/parlamentojovem/2017/ensino-medio-o-que-querem-os-jovens/view>>. Acesso em: 29 mar. 2019.

UNFPA - Fundo de População das Nações Unidas. **Direitos da população jovem** : um marco para o desenvolvimento. -- 2. ed. -- Brasília : UNFPA-Fundo de População das Nações Unidas, 2010. Disponível em:

<http://www.unfpa.org.br/Arquivos/direitos_pop_jovem.pdf >. Acesso em: 29 mar. 2019.

VÁLIO, E.B.M. Biblioteca escolar.: uma visão histórica. **Trans-informação**. 15-24, jan/abr.1990.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Desenvolvimento de coleções**. São Paulo: Polis: APB, 1989. p. 96.

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista semiestruturada

ROTEIRO

Obrigado pela sua disponibilidade em participar desta entrevista, ela fará parte do trabalho de conclusão do curso de graduação em Biblioteconomia da Universidade de Brasília – UnB intitulada **BIBLIOTECA ESCOLAR E O ENSINO MÉDIO DO DF: DESAFIOS E REFLEXÕES**. Esta pesquisa tem o objetivo de identificar possíveis práticas de auxílio realizadas nas bibliotecas escolares no processo de auxílio aos alunos do Ensino Médio em suas necessidades informacionais pertinentes e esta etapa final do ensino básico. Esta entrevista está dividida em dois eixos centrais, o primeiro eixo refere-se ao perfil do profissional atuante na biblioteca e o segundo refere-se a sua atuação no âmbito da biblioteca escolar e mais especificamente seu contato com os alunos do Ensino Médio. Todos os dados pessoais como nome do profissional e instituição de trabalho, se assim preferir o entrevistado, não serão divulgados nos resultados desta pesquisa.

Eixo I - Perfil do profissional

- 1 - Nome
- 2 - Idade
- 3 - Tempo de formação
- 4 - Especializações
- 5 - Tempo de atuação na instituição atual
- 6 - Experiências anteriores

Eixo II - Atuação do profissional na biblioteca

- **Perfil desses usuários**

7- Há uma assiduidade dos alunos do Ensino Médio nas visitas à biblioteca ou existem períodos específicos em que isso ocorre?

8 - Existem demanda específicas destes usuários? Se sim, quais e de que forma são atendidas?

9 - Caso a instituição atenda outras séries escolares, quais as características que diferem os alunos do ensino médio dos demais quanto às necessidades informacionais?

- **Utilização do espaço**

10 - Há, por parte dos alunos de Ensino Médio, o hábito de utilização dos espaços físico da biblioteca? Se não, qual a forma utilizada para atrair esses alunos?

11 - O que esses alunos buscam na biblioteca de modo específico?

12 - Esses alunos realizam pesquisas escolares na biblioteca? Há alguma orientação da biblioteca a respeito?

- **Auxílio do profissional atuante na biblioteca**

13 - Os alunos costumam pedir auxílio do profissional atuante na biblioteca em pesquisas escolares ou alguma outra demanda extraclasse?

14 - Existem dificuldades para atender às necessidades específicas dos alunos do Ensino Médio? Quais?

- **Colaboração entre professores e biblioteca**

15 - Enquanto profissional da informação, você tem ciência do que se passa em sala de aula quanto ao que está sendo ministrado nas aulas, para de alguma forma melhor auxiliar os alunos do Ensino Médio em possíveis demandas?

16 - Enquanto educador, por fazer parte do corpo escolar, você faz parte do processo de tomada de decisões pedagógicas junto ao conselho escolar?

- **Produtos e serviços específicos**

17 - Há produtos e serviços que foram criados pensando nesses usuários? Se sim, quais? Se não, por quê?

18 - Há na biblioteca serviços que são considerados inovadores voltados para os estudantes do Ensino Médio?

19 - Os alunos do Ensino Médio demandam algum tipo de serviço?

ANEXO A – Solicitação de informação ao E-Sic



GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL
Subsecretaria de Gestão de Pessoas
Coordenação de Gestão de Pessoas

Despacho SEI-GDF SEE/GAB/SUGEP/COGEP

Brasília-DF, 04 de dezembro de 2018

À Subsecretaria de Gestão de Pessoas,

Trata-se de Pedido de Acesso à Informação, protocolado pelo Sr. Luis Carlos Meneses junto ao Serviço de Informação ao Cidadão, desta Secretaria, no qual o interessada solicita:

"Prezados sou estudante de Biblioteconomia da Universidade de Brasília - UnB e estou no processo de escrita e do meu Trabalho de Conclusão de Curso. Para tanto, necessito de um lista e/ou documento oficial que comprove, caso existam ou não, Bibliotecários efetivados na Secretaria de Educação do Distrito Federal. Caso existam, se possível, o documento deve conter o nome do profissional e a instituição na qual ele se encontra lotado. Caso não haja Bibliotecários, mais uma vez, se possível, solicito documento oficial com uma justificativa da Secretaria de Educação para a ausência desse profissional no quadro."

Acolho e ratifico o despacho da Gerência de Sistematização e Análise de Informações para a Gestão que informa que há o registro de 01 (um) Analista de Gestão Educacional - Biblioteca, Karin Torres Schiessl, lotada na Subsecretaria de Educação Básica - Gerência de Políticas de Leitura e Tecnologias Educacionais.

Em face do exposto, encaminho para conhecimento e providências subseqüentes.

Ana Paula de Oliveira Aguiar

Coordenadora de Gestão de Pessoas



Documento assinado eletronicamente por **ANA PAULA DE OLIVEIRA AGUIAR - Matr. 00200476, Coordenador(a) de Gestão de Pessoas**, em 09/12/2018, às 19:24, conforme art. 6º do Decreto nº 36.756, de 16 de setembro de 2015, publicado no Diário Oficial do Distrito Federal nº 180, quinta-feira, 17 de setembro de 2015.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site:
http://sei.df.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0
verificador= **15852995** código CRC= **108C05C1**.

"Brasília - Patrimônio Cultural da Humanidade"

SGAN 607 Projecão D - Bairro ASA NORTE - CEP 70.830-300 - DF

3901-2347

00080-00184823/2018-28

Doc. SEI/GDF 15852995